

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

Literatura

JANEIRO / 2020

nº 55

www.revistaconexaoliteratura.com.br



JACKMICHEL

A ESCRITORA 2 EM 1



CONHEÇA A HISTÓRIA PROMISSORA DE ANTONIO CHAVES, PÁG. 13

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



SUMÁRIO

JANEIRO DE 2020

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03
Entrevista com JackMichel a escritora 2 em 1, pág. 05
Poema: As Águas de Oxum, por Alfredo de Moraes Neto, pág. 09
Dicas de livros, pág. 10
Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 12
Conheça a História Promissora de Antonio Chaves, pág. 13
Poema: O Último dia Perfeito, por Roberto Schima, pág. 16
Artigo científico: Projeto político-pedagógico escolar: "caixa-preta" de bordo do processo educativo de ensino-e-aprendizagem, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 17
O livro "Prática de Escrita – Atividades para pensar e escrever", da autoria dos profs. Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 28
Resenha: The Irishman (NetFlix), por Rafael Botter, pág. 31
Poema: Subliminar, por Luiza Moura, pág. 34
Indrisos Litero-poéticos em Três Atos Conexos, por Marcos Pereira dos Santos; Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho e Edson Kogut, pág. 36
Entrevista com o escritor Raimundo Colares Ribeiro, pág. 38
Conto: "O Mundo de Alice", por Míriam Santiago, pág. 43
Conto: "O Velho da Enciclopédia Barsa", por Gilmar Duarte Rocha, pág. 47
Conto: "A Casa do Mistério", por Roberto Schima, pág. 51
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 64

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Editora Orel Books - JackMichel - Alfredo de Moraes Neto - Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho, Edson Kogut - Roseane Sousa - Raimundo Colares Ribeiro

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com
c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Energias renovadas para um novo ano que se inicia e nossa batalha em prol do incentivo à leitura continua. Essa edição está recheada de informações sobre livros e autores, tendo como destaque de capa JackMichel, a escritora 2 em 1. Confira nas próximas páginas a entrevista exclusiva que fizemos com elas.

Confira também novos contos, crônicas, dicas incríveis de livros, entrevistas e muito mais.

Para saber como participar das nossas próximas edições, clique no link: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

— *visita* —
conexão
LITERATURA



Ademir Pascale
Editor-chefe



“Escrever é viver.” Com razão, Fernando Pessoa disse “Eu não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.”

- JackMichel

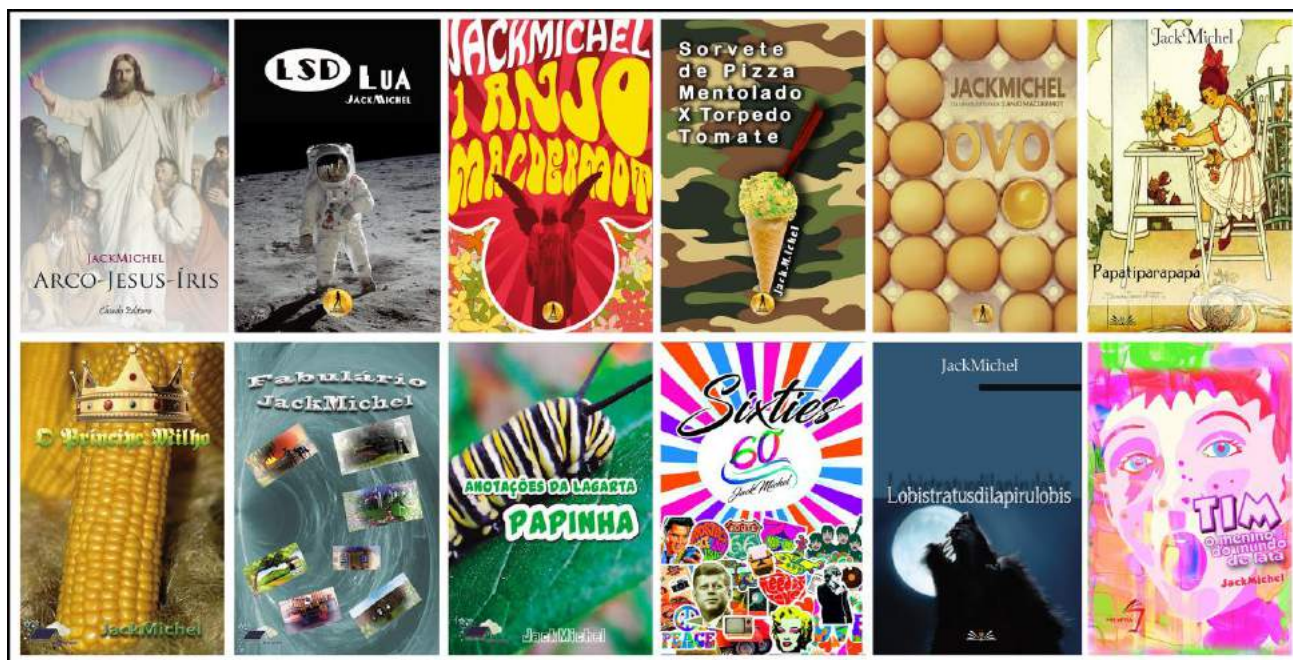


JACKMICHEL

A ESCRITORA 2 EM 1

JackMichel é o primeiro grupo literário da literatura mundial, composto por duas escritoras: Jaqueline e Micheline Ramos. São irmãs e nasceram em Belém – PA (Brasil). O tema de sua obra é variado visto que têm livros escritos nos gêneros ficção, poesia, romance, fábula e conto de fadas. Publicações: Arco-Jesus-Íris (Chiado Editora), LSD Lua, 1 Anjo MacDermot, Sorvete de Pizza Mentolado x Torpedo Tomate e Ovo (Drago Editorial), Sixties e Tim O Menino do Mundo de Lata (Helvetia Edições), Anotações Da Lagarta Papinha, O Príncipe Milho e Fabulário JackMichel (Editora Leia Livros), Papatiparapapá e Lobistratusdilapirulobis (Editora Illuminare). É associada em ACIMA (Associazione Culturale Internazionale Mandala), LITERARTE (Associação Internacional de Escritores e Artistas), AMCL (Academia Mundial de Cultura e Literatura), UBE (União Brasileira de Escritores) e Movimento Poetas del Mundo. Seus contos e poemas constam em antologias internacionais bilíngues. Também foi destaque em diversos jornais e revistas de literatura, artes e cultura. Participou de salões literários na Europa e no Brasil. Recebeu Menção Honrosa no Concurso da Coletânea Literária Internacional em Prosa & Verso “Conexão México” – Sem Fronteiras pelo Mundo... Conectando Mentés & Cultura ACIMA de Tudo!”, no Prêmio de Excelência Literária “Troféu Corujão das Letras” e no II Concurso Cultive de Literatura “Prix Cultive de Littérature”. Conquistou o Prêmio Talentos Helvéticos-Brasileiros IV, o 3º lugar no Concurso Cultive de Literatura “Prix ALALS de Littérature” e no I concurso literário da Casa Brasil Liechtenstein e o 1º lugar no II Festival de Poesia de Lisboa. Seu slogan é “A Escritora 2 Em 1

Website Oficial da JackMichel A Escritora 2 Em 1
<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>



Livros de JackMichel

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o início de vocês no meio literário?

JackMichel: Com Arco-Jesus-Íris, publicado pela editora portuguesa Chiado no ano de 2015. Essa obra icônica que mostra uma visão diferente sobre o paraíso, nos deu supedâneo para ingressar seguramente no mundo das letras, posto que participou de renomados eventos literários internacionais como XXIX Salone Internazionale del Libro Torino-Itália, Fiera dell'a editoria italiana "Tempo Di Libri" Milão-Itália, BUK Festival Della Piccola e Media Editoria/Modena-Itália, I Salão do Livro de Berlim-Alemanha, 32º Salon du Livre et de la Presse/Genève-Suíça, Salão Internacional do Livro do Rio 2018, dentre outros; a parte isso, está em exposição nas Bibliotecas do Palácio Baldaya em Lisboa/Portugal e do

Agrupamento de Escolas multi-étnicas Dr. Azevedo Neves, também na capital portuguesa, onde estudam adolescentes de Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e outros países da África e Oriente Médio, como refugiados sírios. *Fama volat!*

Conexão Literatura: Como surgiu a ideia de unir duas autoras e criar o pseudônimo JackMichel?

JackMichel: O primeiro grupo da literatura mundial formado por duas escritoras surgiu da necessidade de juntar textos. Quando eu, Micheline "Michel" Ramos, comecei rascunhar meus primeiros manuscritos, Jaqueline "Jack" Ramos, minha irmã e parceira literária, já pegava na pena. Anos depois, haja vista termos acumulado muito material escrito, decidimos unir os calhamaços. Daí, tivemos o *timing* para mover esse meio estático da literatura convencional,

composto só por autores individuais e demos vida a JackMichel, cujo *slogan* é “A escritora 2 em 1”.

Conexão Literatura: Vocês lançaram recentemente o livro “Lobistratusdilapirulobis”. Poderia comentar?

JackMichel: Com prazer. Esta obra reúne 18 contos fantásticos e foi lançado em 2019 pela editora Illuminare, que atua simultaneamente no Brasil e na Argentina. A dedicatória do coube a Alessandro Pavolini, que além de escritor talentoso, foi um dos principais expoentes do fascismo italiano durante a Segunda Guerra Mundial. Entre todos os contos destacam-se Harry Chá Derramado – Girafa De 25/Navio-Taxi Girando, Arnold Lane & Lane Arnold, Peppertone Rei Rato De Papel Plastificado, Em Naphupur, Dr. Parabéns Aniversário, Orelhas De Borboleta + Asas De Maça e Cápsula 313: Bizet Com Chocolate, Abrindo o Zíper do Coração Psicodélico.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levaram para concluir esse livro?

JackMichel: A história desse livro é bem curiosa, haja visto termos destruído o original escrito no início dos anos 2000.

Após termos ficado algum tempo a lamentar os 18 contos perdidos, resolvemos arregaçar as mangas e reescrevê-los novamente. As pesquisas em torno de cada assunto específico foram árduas; e este labor levou exatamente dois anos até sua conclusão.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que vocês acham especial nesse livro?

JackMichel: “Noites de sexta-feira, 1965. Na cobertura dum edifício alguém brinca de morrer ou de viver. BippeHillow é o nome do rapaz que gosta de andar sobre a laje onde foi construído seu apartamento, o mais alto de todo aquele prédio. Alto, magro, de cabelos negros revoltos, rosto pálido e olhar abstrato, ele cobiça o nada; trajando jaqueta e calça jeans, mas com os pés descalços para apoiar-se melhor na superfície plana do teto daquela edificação, ele busca o vazio. Nos seus 27 anos muitas folhas de cânhamo dessecadas, trituradas, misturadas, defumadas em sua mente demente de dinodontossauro... Sem querer, sem perceber, ele sempre acaba cedendo a cilada dos alucinógenos que o convidam a subir cada vez mais alto para se reunir com a sociedade das estrelas que o puxam para um suave contato com a lua que pode ser a do ocaso dos sentidos.” (Conto Lobistratusdilapirulobis/pág. 11)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do livro e saber um pouco mais sobre vocês?

JackMichel: Acessando *Website* Oficial da *JackMichel* A Escritora 2 Em 1 <https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

JackMichel: Logo no começo de 2020 estaremos lançando mais dois livros de

ficção pela Drago Editorial:
Fadastafadasbumplel e O Mundo Vítreo-
Plástico Papelar dos Telurpianos X653;
ainda, em Janeiro, seremos capa do
Jornal da UBE (União Brasileira de
Escritores).

Perguntas rápidas:

Um livro: Wuthering Heights (Jack)/
Scomparsa D'Angela (Michel)
Um (a) autor (a): Oscar Wilde
(Jack)/Alessandro Pavolini (Michel)
Um ator ou atriz: Gary Cooper
(Jack)/Yul Brynner (Michel)

Um filme: High Noon (Jack)/ The
Magnificent Seven (Michel)
Um dia especial: Dia de Natal (Jack)/Dia
de aniversário (Michel)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

JackMichel: Deixo para o público da
Conexão Literatura um axioma que
denota a necessidade de escrever para
quem escreve e que consta de nosso
acervo de citações: “Escrever é viver.”
Com razão, Fernando Pessoa disse “Eu
não escrevo em português. Escrevo eu
mesmo.”




JackMichel – A Escritora 2 em 1

Website Oficial de JackMichel A Escritora 2 Em 1


<https://www.websiteoficialjackmichelaescritora2em1.com>

AS ÁGUAS DE OXUM

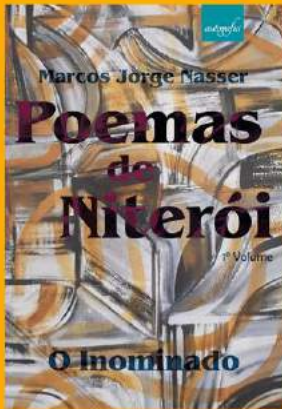
POR ALFREDO DE MORAIS NETO



As águas de oxum
Mãe zelosa, mãe das águas
Caridosa senhora
Oraieieô para quem tem fé
Olhe para que não se canse o pé
Nesta caminhada peço teu axé
Olha pra esse povo minha mãe
Que se tenha paz
Que se tenha saúde
Que se tenha plenitude
Olha para os que têm fome na alma
Preenche, limpa e deságua
Tudo que há
Limpa o ar
Limpa a dor
Espalha teu esplendor
O querida dona da beleza e da riqueza
Mesmo aos que não te vejam
Resplandece tua luz
Te peço em nome de oxalá e de Jesus
Esteja a nos olhar
Para que o pranto cesse
E se a alma não enobrece
Misericórdia é está prece
oraieieô
Livra este povo do horror
Para que a esperança cresça
E a humildade apareça
Acabando a guerra
Exterminando o orgulho
Oraieieô
Nesta oração eu asseguro
Mãe das águas
Aqui te procuro
Não por mim
Mas rogo pelo futuro



Alfredo de Moraes Neto é
"um caminhante das trilhas
deixadas pela poeira das es-
trelas"



Poemas de Niterói
Marcos Jorge Nasser

Acesse



A Música do Seu Coração
Raimundo Colares Ribeiro

Acesse



Duas Histórias
Ennio Botton

Acesse



O Autista e o Baixista
Egidio Trambaiolli Neto

Acesse



Resiliência Ambiciosa
Felipe Sá

Acesse



Linguagens e Vínculos
Vários Autores

Acesse

“É prova de alta cultura dizer as coisas mais profundas, do modo mais simples.”
– Ralph Waldo Emerson

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





Irradiando no Tempo
Leonardo J. D. Campos

Acesse



JN 50 anos de Telejornalismo

Acesse



Aconchego Criativo
Jeferson Biela e Maria Formosinho

Acesse



Lavanda
S. Gutierrez

Acesse



de Haicais a muito mais
Adilson Oliveira (org.)

Acesse



10 Passos Poéticos Para Ser Feliz
Elisangela Meira

Acesse

*“A cultura não se herda,
conquista-se.”*
– André Malraux

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexoliteratura.com.br



conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

bibliotecadeumaprofessora.blogspot.com

www.livreando.com.br

coleccionandoromances.blogspot.com.br

ateaultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Instagram: @biblioteca_deumaprofessora

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:
www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

Conheça a História Promissora de Antonio Chaves



Artigo

Nasci em 1959 no Rio de Janeiro e venho de família humilde. Lutei muito para chegar onde continuo chegando. Comecei a me interessar pela poesia ainda na adolescência. Onde eu escrevia pequenos trechos, e ao mesmo tempo, comecei a sentir uma vontade enorme de me expressar através desses trechos. Foi quando comecei a sentir, uma profunda sintonia com o meu modo de ver e de sentir, com o meu próprio "EU". Desses pequenos trechos, fui juntando, até surgir a arte da poesia na minha vida. A partir desse momento, comecei a participar de vários Concursos Literários e ganhando Certificados de Participações.

Particpei do XIII CONCURSO LITERÁRIO DE POESIAS DA FUNDAÇÃO CULTURAL DE CASIMIRO DE ABREU (2012) e do VI CONCURSO DE POESIAS PROFESSOR ROBERTO TONELLOTTI (2016). E não parei por aí. Comecei a participar de Antologias

Literárias ganhando vários Certificados de Participações.

E a minha primeira antologia foi com o tema "MEU BRASIL BRASILEIRO" (2013), a segunda com o tema "BRASIL de A a Z" (2014), a terceira com o tema "FAZENDO AMOR COM A POESIA" (2015), a quarta com o tema "TODAS AS MULHERES DO MUNDO" (2017), a quinta com o tema "ANUÁRIO DE ESCRITORES 30 ANOS" (2018). E o meu primeiro livro publicado Infantojuvenil, o INDIOZINHO GUARANI (2018), todos da LITTERIS EDITORA. Estou indo para o meu segundo livro, que está em análise, e não tenho a intenção de parar, estou escrevendo outros. Fiz o curso de Técnico de Enfermagem. Me formei em Publicidade e Propaganda. Mas o destino quis que eu cuidasse de vidas humanas.

Hoje, sou Servidor Público Estadual, e tenho como Robe a vida de escritor de almas. Agora pretendo conciliar a minha

vida trabalhista, com a de escritor. E ao mesmo tempo com a minha mais nova jornada de trabalho como colunista, de um jornal de grande expansão no Rio Grande do Sul, precisamente em Dourados. Por isso que eu me defino ainda como um ser em mutação. Está pensando que vou parar, não tenho esta intenção.

Quero concluir, lembrando a todos, que a figura do professor é a principal referência de nossas vidas e precisamos

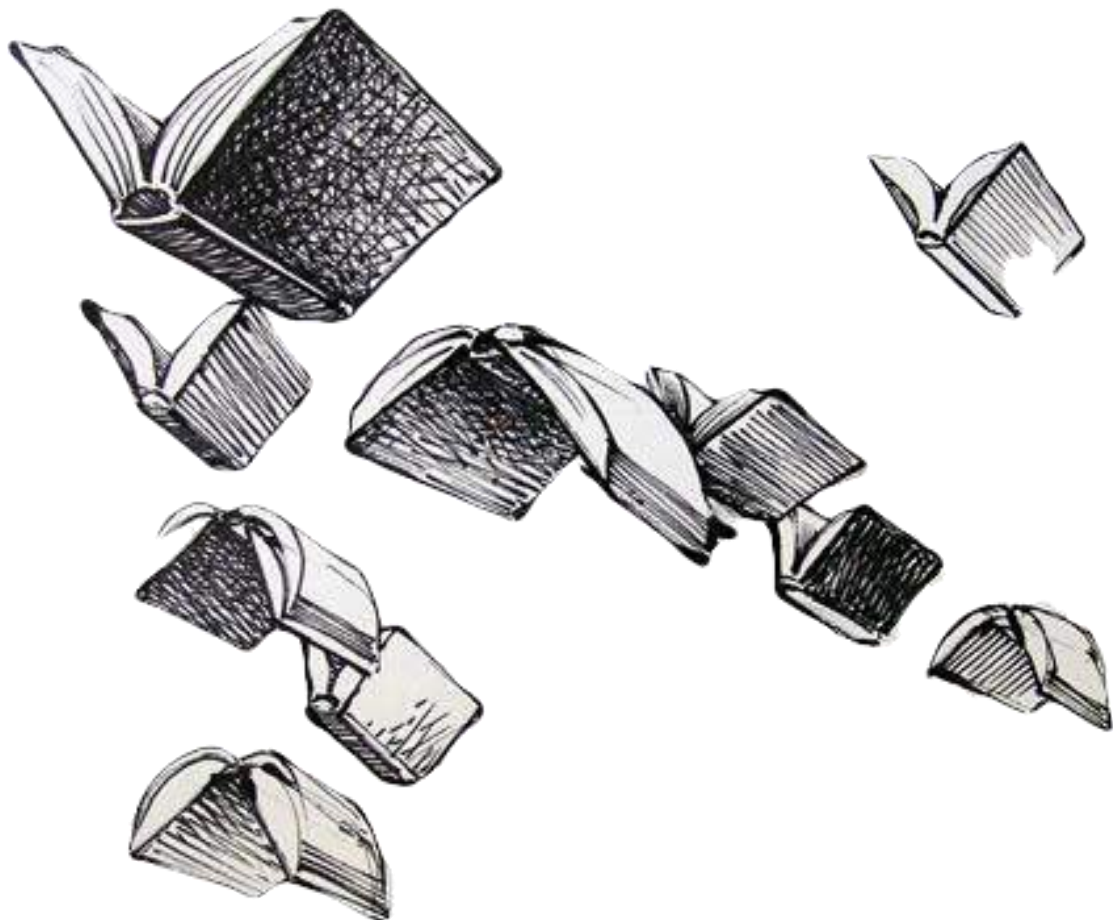
garantir o direito à leitura no sentido geral. Que esta minha história de vida, possa incentivar aos mais jovens, que dizem não gostar de ler. E sabemos: não gostam de ler porque, não foram motivados, não foram ensinados. Leitura se ensina sim e ensinar é democratizar a experiência da leitura. É, portanto, responsabilidade docente promover a leitura e assegurar a todos, o direito de ser um indivíduo atuante no mundo em que vivemos.



Foto divulgação

Minibiografia do autor:

Nasci em 1959 no RJ, sou Escritor/Autor, Publicitário e Colunista Me considero uma pessoa, que estou sempre em mutação, pelo fato de está sempre em busca de novos desafios. Eu encontrei na poesia e nos livros que escrevo, uma forma de expressar o amor. Levar para os mais jovens, a minha experiência de vida, e dizer que a leitura, é uma forma de democratizar, instruir e de garantir o teu direito à leitura no sentido amplo da palavra.



Para entrar em contato ou saber mais sobre Antonio Chaves:

www.instagram.com/oinotnachaves

<http://facebook.com/antoniochaves-escritor>

antoniochaves7.blogspot.com

O ÚLTIMO DIA PERFEITO

POR ROBERTO SCHIMA

Roberto Schima
Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: Google, Yahoo ou nos links 11 abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSszIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br

E entre um instante e a eternidade,
houve um último dia perfeito sobre a
Terra.

A serenidade era absoluta.

O equilíbrio, irretocável.

A harmonia era perfeita.

Não foi muito quente e nem muito
frio.

Todas as criaturas viviam em paz.

Não havia o suplício da fome.

Havia água em abundância.

E tudo, parecia, iria durar para
sempre.

Então, da borda do abismo distante,
gelado, negro e profundo,
de toda parte e de parte alguma,
o troar daquela voz fez-se ouvir:

"... Façamos o homem à nossa
imagem,

conforme a nossa semelhança;
tenha ele domínio sobre os peixes do
mar,

sobre as aves dos céus,
sobre os animais domésticos,
sobre toda a terra e
sobre todos os répteis
que rastejam pela terra..."

A harmonia se desfez.

O equilíbrio se desequilibrou.

A serenidade transformou-se em tu-
multo.

E o que era perfeito deixou de existir.



Projeto político-pedagógico escolar: “caixa-preta” de bordo do processo educativo de ensino-e-aprendizagem

Por Marcos Pereira dos Santos

Artigo Científico

Política educacional, pedagogia, projeto educativo, escola, ensino e aprendizagem: elementos de uma “caixa-preta” denominada Educação!?

Não obstante à tentativa de comprovar, teoricamente, ao menos *a priori*, a autenticidade desta assertiva de viés exclamativo-indagativo, faz-se mister esclarecer que o presente artigo acadêmico-científico, de abordagem qualitativa de pesquisa e aportes teóricos (bibliográficos e eletrônicos), tem como finalidade precípua efetuar alguns apontamentos analítico-crítico-reflexivos concernentes ao projeto político-pedagógico escolar, o qual consideramos ser a “**caixa-preta**” de bordo do processo educativo de ensino-e-aprendizagem; tendo em vista, de acordo com Freire (2000), a dimensão umbilical-dialética *dodiscente* inerente aos atos de ensinar e aprender, concomitantemente.

Segundo Ashford (2010), a **caixa-preta** ou **caixa-negra** é definida conceitualmente como sendo o nome popular atribuído a um sistema de registro de voz e de dados acoplado nos aviões (também chamados de aeroplanos ou aeronaves) convencionais e comerciais em geral; sejam eles de pequeno, médio ou grande porte. Trata-se, pois, de um instrumento de uso obrigatório e universal, inclusive por motivos de segurança (inter) nacional das aeronaves e de seus passageiros. Tanto isto é tautológico que “[...] as autoridades aeronáuticas, brasileiras e estrangeiras, são unânimes em afirmar quão grande é o valor utilitário das caixas-negras existentes em aviões” (BRANCO, 2012, p.25), os quais são o meio de transporte aéreo mais veloz até então já idealizado pelo *homo sapiens* e criado por mãos humanas.

No intuito de melhor compreender o que se considera como caixa-preta existente em aeroplanos, faz-se oportuno trazer a lume, mesmo que de forma breve, as seguintes informações sobre o dispositivo de registro de dados supra aludido:

[...] Assim como em outras invenções sofisticadas, a caixa-preta não tem um inventor único, mas o primeiro protótipo data de 1939 e foi desenhado pelo engenheiro francês François Hussenot (1912-1951). Contudo, a caixa-preta propriamente dita é obra do químico e engenheiro de aviação australiano David Ronald de Mey Warren (1925-2010). Essa primeira versão era um pouco maior do que a mão de uma pessoa adulta. [...] A caixa-preta é, na verdade, composta de dois dispositivos: o gravador de dados de voo do avião e de voz da cabine. Ambos são montados na cauda do aeroplano. Ela não tem que ter o formato de uma caixa propriamente dita. De acordo com os regulamentos da Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos, o dispositivo pode ter uma variedade de formas, incluindo esferas e cilindros, desde que não seja muito pequeno para que seja encontrado nos destroços do avião em caso de acidente aéreo. [...] De fato, os primeiros registradores de voz de cabina em aviões eram realmente pretos/negros como todos os demais aviônicos. No entanto, se percebeu que, em caso de acidente aéreo, era bem mais fácil encontrar o equipamento entre os destroços se ele possuísse uma cor mais destacada. Por isso, nos dias atuais, eles geralmente apresentam uma *cor laranja* ou *vermelho vivo*. [...] *A priori*, esse dispositivo foi rejeitado pelas autoridades de aviação, que não viram grandes benefícios diretos e imediatos na sua utilização, assim como por pilotos que afirmavam que seriam “espionados” ou “rastreados”, considerando tal aparelho como um “*Big Brother*” de *espionagem*, um risco para as suas carreiras profissionais na Aeronáutica. Com o passar dos tempos, a incorporação desse sistema nos aviões foi aceita, o que permitiu a melhoria da segurança nas viagens aéreas, possibilitando assim detectar falhas que anteriormente davam origem a acidentes graves cuja causa não era possível ou muito difícil de determinar. [...] Na caixa-preta de aviões, o som ambiente das cabinas de comando e do sistema de áudio são gravados pelo “gravador de voz” ou CVR (*Cockpit Voice Recorder*, em inglês). Por sua vez, os dados de performance, tais como velocidade, aceleração, altitude e ajustes de potência, dentre tantos outros, é gravado em outro equipamento conhecido como “gravador de dados” ou FDR (*Flight Data Recorders*). São, portanto, dois equipamentos distintos e independentes, mas ambos com uma inscrição eletrônica de tempo, que é fundamental para colimar ou superpor os eventos de voz com os eventos de

performance. [...] A caixa-preta é um gravador de dados de voo que, inicialmente, consistia num dispositivo de filme fotográfico, o qual foi aperfeiçoado durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), passando então a gravar os áudios na cabine do piloto e todas as informações referentes ao voo (sons, ruídos, conversas, rotas aéreas, acidente aeronáutico, tempo de voo, pressão atmosférica, altitude, latitude, velocidade do ar, aceleração vertical, orientação magnética, leitura e posição dos controles (manches), posição dos pedais do leme e dos estabilizadores horizontais, suprimento e vazão de combustível, etc.). Ela é colocada, normalmente, na cauda do avião, sendo confeccionada em material muito resistente, como aço inoxidável e titânio, capaz de suportar alta aceleração, fortes impactos, elevadas temperaturas e grande pressão hidrostática em profundidades marítimas bastante significativas, de modo a permitir que, em caso de desastre aéreo, se consigam recuperar os registros armazenados e investigar as causas da colisão. Além disso, existem especificações de resistência também a baixas temperaturas, corrosão por água salgada e outros fluidos. [...] Com os avanços da tecnologia, as caixas-pretas atuais utilizam como meio de gravação os *chips* em invólucro, que são muito resistentes a chamas, frios intensos e impactos. (SANT’ANNA, 2000, p.18-22)

Posto isto, faz-se possível, a partir de então, apresentar algumas reflexões alusivas, especificamente, à temática projeto político-pedagógico escolar (objeto de estudo central deste texto acadêmico-científico).

Nesse contexto, é conveniente postular, à guisa de intróito e fazendo nossas as palavras de Ferreira (1975, p.1144), que “no sentido etimológico, o termo projeto vem do latim *projectu*, particípio passado do verbo *projicere*, que significa lançar para diante. Plano, intento, desígnio. Empresa, empreendimento. Redação provisória de lei. Plano geral de edificação”.

Grosso modo, podemos dizer que projeto, de modo geral (seja ele um projeto de vida, arquitetônico, educacional, de lei, de pesquisa acadêmico-científica, etc.), sempre faz menção a um porvir, a algo futurista, a um vir a ser ou tornar-se, a uma intenção ou estratégia (mental e teórica) previamente pensada para ser colocada em ação prática *a posteriori*. Isto se deve ao fato de que “[...] planejamos o que temos intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos, buscando o possível. É antever um futuro diferente do presente”. (VEIGA, 2001, p.12)

Diz respeito, outrossim, a um documento formal de cunho legal-jurídico, o qual contém plano(s) de ação, planejamento(s), proposta(s), objetivos (geral e específicos) a serem atingidos, métodos e técnicas de elaboração, implementação, execução e avaliação, marcos/aportes/fundamentos teóricos estruturantes (referenciais bibliográficos e/ou eletrônicos), clientela a ser alcançada (público-alvo), justificativa quanto à sua relevância social e cultural, problemática de pesquisa científica, filosofia/linha de trabalho,

cronograma de atividades a serem desenvolvidas, recursos atinentes (humanos, físicos, materiais e financeiro-econômicos), dentre outros elementos basilares essenciais; conforme asseveram Gil (2002); Lück (2004); Pescuma e Castilho (2005); e Silva; Silva e Junckes (2009).

Sendo assim, compreende-se projeto político-pedagógico (doravante PPP) como o instrumento ou documento teórico, de cunho formal-legal, que reflete a proposta educacional da escola (ou da universidade) como um todo. Consiste em uma proposta que explicita a programação educativa, administrativa e pedagógica, construída coletivamente. “[...] Significa o que lança à frente ideias, convicções, esperanças na participação da realidade humana, visando à edificação e manutenção da vida, do que existe, do que está sendo” (BICUDO, 1999, p.34). É através dele que a comunidade escolar (composta por gestor(a)/diretor(a), coordenador(a) pedagógico(a), pedagogo(a), supervisor(a) escolar, orientador(a) educacional, docentes, discentes e pais de alunos) pode e deve desenvolver um trabalho coletivo, eficaz e eficiente; cujas responsabilidades pessoais e coletivas são assumidas por todos os sujeitos envolvidos no processo educativo para a execução positiva dos objetivos e de outros ditames previamente estabelecidos.

O PPP precisa ser elaborado por cada instituição de ensino, em específico, para orientar os trabalhos didático-pedagógicos e metodológicos a serem realizados durante o ano letivo. Deve, dessa forma, ser também construído coletivamente, por meio da intermediação sensibilizadora/mobilizadora do(a) pedagogo(a) escolar ou do(a) coordenador(a) pedagógico(a) institucional e da participação atuante dos(as) agentes escolares em geral, necessitando assim ser acessível a todos(as) os(as) integrantes da comunidade escolar, sempre que estes(as) julgarem ser oportuno consultá-lo. Trata-se, pois, do desenvolvimento de uma gestão democrático-participativa (colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada ou emancipatória) na escola que abarca as dimensões pedagógica, administrativa e financeira da instituição escolar (SARMENTO; ALVES, 2016), onde cada agente escolar tem autonomia (relativa) para opinar, decidir, sugerir, concordar ou discordar acerca do teor das prescrições legais e político-pedagógicas que o PPP deve conter. Tanto isto é verídico, que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, preconiza que:

Art. 15 – Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram *progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira*, observadas as normas gerais de direito financeiro público. (BRASIL, 1996; destaques nossos)

Para construir o projeto político-pedagógico escolar é preciso que direção/gestão educacional, pedagogos(as) escolares, professores(as), funcionários(as), educandos(as) e pais de alunos(as) saibam o que ele significa em sua essência, pois o mesmo confere identidade à escola como uma instituição socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018) que tem personalidade e cultura própria – a denominada cultura da escola (FORQUIN, 1993) – por refletir o pensamento do seu coletivo escolar.

Mas, afinal, por que o PPP possui, simultaneamente, um cunho político e pedagógico?

Sobre esta questão, Veiga (2001, p.13; realces nossos) comenta o seguinte:

O *projeto* busca um rumo, uma direção. É uma *ação intencional*, com um *sentido explícito*, com um *compromisso definido coletivamente*. Por isso, *todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político* por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com os interesses reais e coletivos da população majoritária. É *político* no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. [...] Na *dimensão pedagógica* reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromissado, crítico e criativo. *Pedagógico*, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade. *Político e pedagógico têm assim uma significação indissociável*. Neste sentido é que se deve considerar o projeto político-pedagógico como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis à efetivação de sua intencionalidade [...]. Por outro lado, propicia a *vivência democrática* necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania. Pode parecer complicado, mas trata-se de uma *relação recíproca entre a dimensão política e a dimensão pedagógica da escola*.

Durante os longos anos de Ditadura Militar (1964-1985) no Brasil, o planejamento da Educação Básica (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) era totalmente centralizado, e cheio de obrigações e padronizações que faziam das escolas meras cumpridoras de legislação. Na década de 1980, o mundo mergulhou numa crise de organização institucional, quando se passou a questionar o modelo de Estado intervencionista, que determinava o funcionamento de todos os órgãos públicos, inclusive a escola. Assim, a instituição de um projeto político-pedagógico surgiu, pois, como um importante instrumento para se fazer tal questionamento. Portanto, foi somente com a Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05 de outubro de 1988 (BRASIL, 1988), que se concretizou a luta pela gestão democrática da escola pública, a qual surgiu em reação à ‘política de centralização’ existente até então.

Entretanto, segundo pesquisas científicas desenvolvidas por Padilha (2001), por exemplo, é com o advento da vigente LDBEN/1996, especificamente em seus Artigos 12 (Incisos I e VII); 13 (Incisos I e II); e 14 (Inciso I) que o PPP escolar ganha destaque, espaço e território mais amplos, “voz” e “vez”; haja vista que a legislação educacional supra aludida assim estabelece:

Art. 12 – Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

I - elaborar e executar sua *proposta pedagógica*;

[...]

VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua *proposta pedagógica*.

Artigo 13 – Os docentes incumbir-se-ão de:

I - participar da elaboração da *proposta pedagógica do estabelecimento de ensino*;

II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a *proposta pedagógica do estabelecimento de ensino*;

[...]

Artigo 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão *democrática do ensino público na educação básica*, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do *projeto pedagógico da escola*;

[...] (BRASIL, 1996; grifos nossos)

Mais do que uma obrigatoriedade legal-jurídica, o PPP, denominado pela LDBEN/1996 como *proposta pedagógica* ou *projeto pedagógico* (BRASIL, 1996), tem a finalidade precípua de definir coletivamente os objetivos e as metas comuns à escola como um todo, bem como possibilitar ao coletivo escolar a tomada de consciência dos principais problemas da instituição-escola e das possíveis possibilidades de solução (a curto, médio e longo prazo), definindo as responsabilidades pessoais/individuais e coletivas/grupais dos(as) agentes escolares.

Assim como todo projeto é composto de começo, meio e fim (fases projetivas), também o PPP deve abranger algumas etapas de gerenciamento (democrático!) para que possa ser significativo, eficaz e eficiente; quais sejam: planejamento, iniciação, execução, controle e monitoramento, avaliação e encerramento (LOPES, 2010). Nesse sentido, Vasconcellos (2006, p.23) chama a atenção para a necessidade de se levar em consideração, no *corpus* textual do PPP, três grandes elementos – marco referencial (projeção de finalidades), diagnóstico (análise da realidade) e programação (elaboração das formas de mediação) –, os quais podem ser entendidos, resumidamente, como:

I – *Marco referencial*: é composto de marco situacional (leitura da realidade geral), marco filosófico (ideal geral) e marco operativo (ideal específico). Concerne a: o que desejamos, tomada de posição (explicitação das opções e dos valores assumidos) e posicionamento (político e pedagógico). Busca tensionar a realidade no sentido da

sua superação/transformação e fornecer parâmetros e critérios para o diagnóstico.

II – *Diagnóstico*: resulta de pesquisa + análise, tendo em vista as reais necessidades da escola. Tais demandas devem partir da análise da realidade e/ou da comparação com o ideal, sabendo-se a que distância estamos do desejado. Tem a função de conhecer a realidade escolar, julgar essa realidade e chegar às necessidades existentes.

III – *Programação*: diz respeito à ação concreta, linha de ação, atividade permanente e norma. A proposta de ação gira em torno do que é necessário e possível ser feito para diminuir a distância entre o “real” e o “ideal” escolar. Visa decidir a ação a ser tomada para reduzir a distância em relação ao ideal desejado.

Sem a pretensão de esgotar a temática em pauta, postulamos ser relevante ter em mente que o PPP é peça fundamental no planejamento das instituições de ensino em seus vários níveis (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio – Educação Básica – e Educação Superior) e modalidades (educação presencial, educação semipresencial/híbrida e educação a distância (EaD) no contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), Educação Especial Inclusiva, Educação Técnica e Profissional, etc.). É o PPP, em linhas gerais, que irá demonstrar o que a escola idealiza, quais são as suas metas e os possíveis caminhos para atingir os seus objetivos norteadores, tendo em vista a realidade objetiva existencial concreta vivida pela instituição educacional.

Face ao panorama delineado, é proverbial enfatizar, de forma sumária, que o projeto político-pedagógico (PPP), no Brasil do século XXI, consiste em um documento de ordem legal-jurídica para os estabelecimentos escolares de Educação Básica e as instituições de Ensino Superior, o qual deve ser cuidadosamente (re)planejado, (re)construído de forma coletiva, implantado, implementado, executado e (re)avaliado por todos os agentes escolares no contexto de uma gestão educacional democrático-participativa, colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada e emancipatória. Ele faz parte da(s) cultura(s) escolar(es) e da(s) cultura(s) das escolas, concomitantemente. Portanto, o PPP é o alicerce no qual se assentam a organização e a gestão do trabalho pedagógico educacional em geral. Configura-se, outrossim, como sendo o ‘chão’, o ‘*corpus* estrutural’ das escolas; por excelência. É o eixo basilar, guia, parâmetro, orientador, direcionador e norteador de todas as atividades didáticas, pedagógicas, metodológicas, de ensino e de aprendizagem de cada escola. O PPP é, pois, a “filosofia”, a “visão”, o “*layout*”, o “*marketing*”, a “marca registrada”, a identidade, o retrato, o “raio X”, o plano de ação estratégica, a proposta pedagógica e o ‘projeto guarda-chuva’ das instituições educativas, constituindo-se, desse modo, como um elemento de capital importância e significado sem igual para as mesmas. Em suma: o PPP é o cerne, o “cérebro”, o “coração”, a “espinha dorsal”, a “coluna vertebral”, a “alma”, ou seja, a **panaceia** e, por sua vez, a **vida das escolas** em suas múltiplas dimensões, facetas, nuances e instâncias colegiadas; abarcando assim o *todo* e o *tudo* de cada escola em suas realidades, culturas, necessidades, especificidades, particularidades, objetividades, singularidades e

subjetividades. Entretanto, é profícuo efetuar o seguinte alerta: o PPP não pode ser entendido, pura e simplesmente, como uma “bíblia pedagógica”, um “receituário didático-pedagógico”, um “tratado educacional” ou um “manual pedagógico” que deve ser seguido ‘à risca’, ao ‘pé da letra’ ou ‘à força’ pelos agentes educacionais na escola; haja vista que os seus processos de constructo e engendramento, ou seja, o seu “*modus operandi*”, necessitam ser flexíveis, emoldurando-se ambos segundo a realidade objetiva existencial concreta de cada instituição educativa.

Diante do exposto, cabe-nos, enfim, bradar em alta voz e com grande ‘entusiasmo educacional’:

Viva o célebre aeronauta e esportista brasileiro Alberto Santos Dumont (1873-1932), que projetou, construiu e voou os primeiros balões dirigíveis com motor a gasolina, sendo considerado assim o inventor do avião, o “Pai da Aviação Brasileira”! (VISONI; CANALLE, 2009)

Salve, salve, o *projeto político-pedagógico escolar*, entendido por nós como sendo a “**caixa-preta**” de bordo do processo educativo de ensino-e-aprendizagem!

Dizemos isto, porque no PPP está contido *tudo sobre a vida na e da escola*, a saber: currículo escolar (explícito e implícito/oculto), didática, planejamento educacional, métodos e técnicas de ensino, formação continuada de docentes, sistemática de avaliação da aprendizagem escolar, recursos didático-pedagógicos, equipe diretiva da escola, agentes escolares, história do estabelecimento de ensino, teorias educacionais, cultura escolar e cultura da escola, linhas/doutrinas pedagógicas, projetos interdisciplinares, concepção de Educação/sociedade/escola/professor(a)/aluno(a)/ensino/aprendizagem, planos de ensino, atividades educativas extracurriculares, filosofia(s) de organização do trabalho pedagógico escolar, missão e visão educativa da escola, dentre inúmeros outros componentes fundamentais.

Que este artigo científico possa, direta ou indiretamente, contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente sobre a temática em questão, bem como servir de valoroso material de estudos (individuais e coletivos), pesquisas acadêmico-científicas, debates, análises e reflexões crítico-reflexivas a todos(as) os(as) profissionais da educação que pensam e fazem a escola e a universidade pública brasileira a partir do seu alicerce estruturante: o *projeto político-pedagógico*.

É o que sinceramente almejamos, pois o PPP não deve ficar engavetado ou arquivado e nem tampouco “engessar” a organização do trabalho pedagógico escolar, mas deve ser engendrado, manuseado, lido e relido quantas vezes se fizerem necessárias, aperfeiçoado conforme as demandas da escola e colocado efetivamente em prática na vida da escola e nas salas de aula.

O PPP precisa, portanto, partir do “real” vivido pela escola (demandas em geral) para que seja possível lograr êxitos, conquistando assim o “ideal” tão desejado para a mesma.

Pensem a respeito!!!

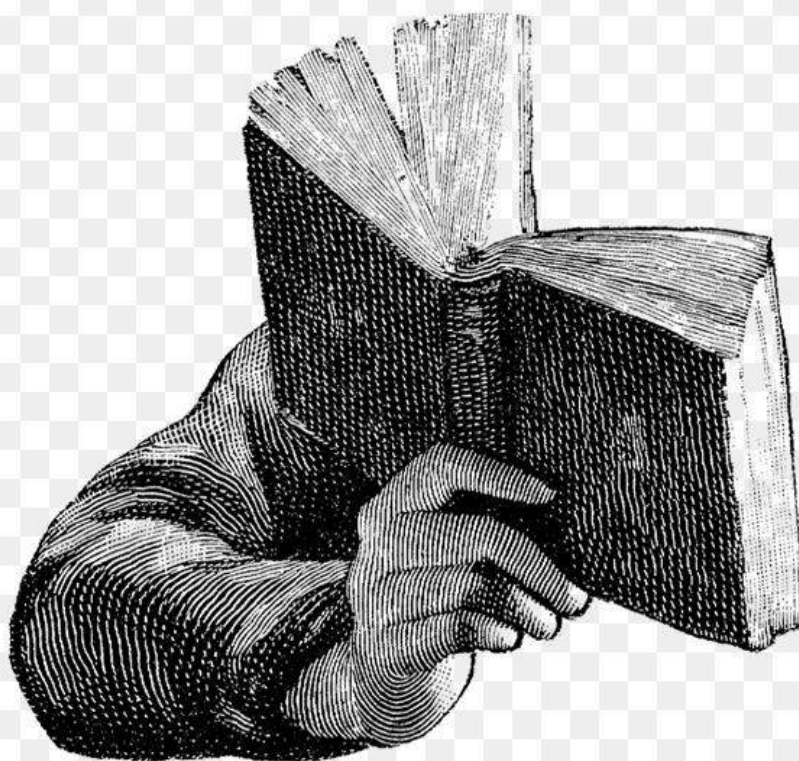


Referências:

- ASHFORD, P. Flight date recorders: the background on the 'black box'. In: **Revista Avionics News**. Estados Unidos: Editora Technically Speaking, p.70-71, fev./2010.
- BICUDO, M. A. V. O significado do projeto pedagógico na promoção da qualidade da graduação. In: FREITAS, L. P. (Org.). **Projeto pedagógico de curso: subsídios para elaboração e avaliação**. Fortaleza: Editora da UNIFOR, p.33-36, 1999.
- BRANCO, M. **Na cabine de comando: curiosidades aéreas, acidentes, a crise, o caos**. Barueri: Novo Século, 2012.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Diário Oficial da União, de 05/10/1988.
- _____. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto**. Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. (Coleção Série Educação: Teoria & Crítica).
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOPES, N. **Como fazer o PPP da escola**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/como-fazer-o-ppp-da-escola>. Acesso em: 01/12/2010.
- LÜCK, H. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2001. (Coleção Guia da Escola Cidadã – v.7).
- PESCUMA, D.; CASTILHO, A. P. F. **Projeto de pesquisa: o que é? como fazer? – um guia para sua elaboração**. São Paulo: Olho D'Água, 2005.
- SANT'ANNA, I. **Caixa-preta: o relato de três desastres aéreos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.
- SARMENTO, M. M. L.; ALVES, J. A. A. S. Gestão escolar democrática e participativa na escola: entre desafios e possibilidades. In: **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**. Cajazeiras: Editora da UFCG, v.1, ed. especial, p.286-296, set./dez., 2016.
- SILVA, J. M.; SILVA, E. A.; JUNCKES, I. J. **Construindo a ciência: elaboração crítica de projetos de pesquisa**. Curitiba: Pós-Escrito, 2009.
- VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. 6.ed. São Paulo: Libertad Editora, 2006. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad – v.3).

VEIGA, I. P. A. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 13.ed. Campinas: Papirus, p.11-35, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VISONI, R. M.; CANALLE, J. B. G. Como Santos Dumont inventou o avião. In: **Revista Brasileira de Ensino de Física**. São Paulo: Editora da Sociedade Brasileira de Física, v.31, n.3, p.3605/1-3605/6, jul./set., 2009.



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Príncipe Real, sagrado dinasticamente pela Augustíssima e Soberana Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente - Rio de Janeiro/RJ. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Renomado pesquisador em Ciências da Educação. Exímio literato profissional. Defensor militante da causa da Educação, da Literatura Brasileira e dos Direitos Humanos. Docente do Magistério Superior em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. *E-mail:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

POR QUE DIVULGAR O SEU LIVRO NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO

ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS

COMPROMISSO E SERIEDADE

LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL



FANPAGE: + DE 96 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 40 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com



CIDA SIMKA

Sócia-fundadora da CS – Assessoria em Língua Portuguesa, Professora e escritora. Licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribolão Pires (FRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (2014) e autora dos livros: *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (2016) e *“Nóis sabe português”* (2017), todos publicados pela Wak Editora.



SÉRGIO SIMKA

Professor universitário desde 1999. Mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Organizador do livro *A relação entre professor e aluno* (2010), autor de *Torne suas aulas de português um momento agradável* (2011, 2ª ed., 2014), organizador de *A prática de produção de textos em sala de aula* (2012), organizador de *Ética como substantivo concreto* (2014) e autor dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (2016) e *“Nóis sabe português”* (2017), todos publicados pela Wak Editora.



Prática de Escrita

CIDA SIMKA - SÉRGIO SIMKA

A escrita sempre foi e sempre será fator essencial na existência de qualquer ser humano. Ela representa a porta de entrada e de saída para as oportunidades de transformação de vida, seja no aspecto intelectual, pessoal, profissional ou social, além de ser facilitadora para se conviver melhor em sociedade. E não há como dissociar a escrita da leitura, recurso igualmente primordial para que haja interação entre as pessoas.

É na escola que o aluno tem, geralmente, o primeiro contato com a escrita. Daí a importância do trabalho do professor, que pode contribuir para o aumento da autoestima textual dele, ao proporcionar-lhe atividades de escrita que, ancoradas em uma visão fraterna de ser humano, resultarão no aperfeiçoamento de sua vida do ponto de vista humano, com clara melhoria na dimensão discursivo-textual, pois o aluno passará a acreditar em si mesmo e em seu potencial para redigir textos.

Este livro é um potente detonador de novas ideias e novas posturas. É uma prova de que a sala de aula é a antecâmara da modernização do país. Ao encorajar o professor a ver o aluno com humanidade e respeito, ao incentivar a criatividade e a imaginação, o professor estará fazendo da sala de aula uma história de pessoas livres, mostrando que a leitura e a escrita constituem elementos essenciais de aperfeiçoamento para a vida.



Prática de Escrita

Prática de Escrita

ATIVIDADES PARA PENSAR E ESCREVER



CIDA SIMKA
SÉRGIO SIMKA



Prática de Escrita

Este livro apresenta um conjunto de ideias e ações práticas sobre a escrita, os escritores e a criatividade, como a autoestima textual, a Pedagogia do Encantamento e a criação de grupos de escritores em escolas, universidades e comunidades, além de sugerir que o ser humano observe a vida com um olhar mais respeitoso.

Prestando um substancial tributo à leitura e aconselhando a realização de sonhos em conjunto, o livro expõe ainda uma perspectiva pedagógico-humana na qual o professor se veja envolvido e envolva todos os seus alunos, fazendo deles artífices de sua história e de seu processo de construção de conhecimento.

Por último, traz 23 atividades para que o aluno-leitor possa pensar, escrever e libertar todo o seu potencial linguístico-textual.

O LIVRO “PRÁTICA DE ESCRITA – ATIVIDADES PARA PENSAR E ESCREVER”, DA AUTORIA DOS PROFS. CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA

O livro “Prática de Escrita – Atividades para pensar e escrever”, da autoria dos profs. e escritores Cida Simka e Sérgio Simka, que também são colunistas da Revista Conexão Literatura, foi publicado no final do ano passado pela Wak Editora e tem sido um grande sucesso de vendas, por apresentar o processo de escrita sob uma perspectiva humano-discursiva. O prefácio foi escrito pelo renomado jornalista Lutherio Maynard.

Artigo

Resumo

A escrita sempre foi e sempre será fator essencial na existência de qualquer ser humano. Ela representa a porta de entrada e de saída para as oportunidades de transformação de vida, seja no aspecto intelectual, pessoal, profissional ou social, além de ser facilitadora para se conviver melhor em sociedade. E não há como dissociar a escrita da leitura, recurso igualmente primordial para que haja interação entre as pessoas.

É na escola que o aluno tem, geralmente, o primeiro contato com a escrita. Daí a

importância do trabalho do professor, que pode contribuir para o aumento da autoestima textual dele, ao proporcionar-lhe atividades de escrita que, ancoradas em uma visão fraterna de ser humano, resultarão no aperfeiçoamento de sua vida do ponto de vista humano, com clara melhoria na dimensão discursivo-textual, pois o aluno passará a acreditar em si mesmo e em seu potencial para redigir textos.

Este livro é um potente detonador de novas ideias e novas posturas. É uma prova de que a sala de aula é a

antecâmara da modernização do país. Ao encorajar o professor a ver o aluno com humanidade e respeito, ao incentivar a criatividade e a imaginação, o professor

estará fazendo da sala de aula uma fábrica de pessoas livres, mostrando que a leitura e a escrita constituem elementos essenciais de aprendizado para a vida.

Link para adquirir o livro:

<https://wakeditora.com.br/produto/pratica-de-escrita-atividades-para-pensar-e-escrever>

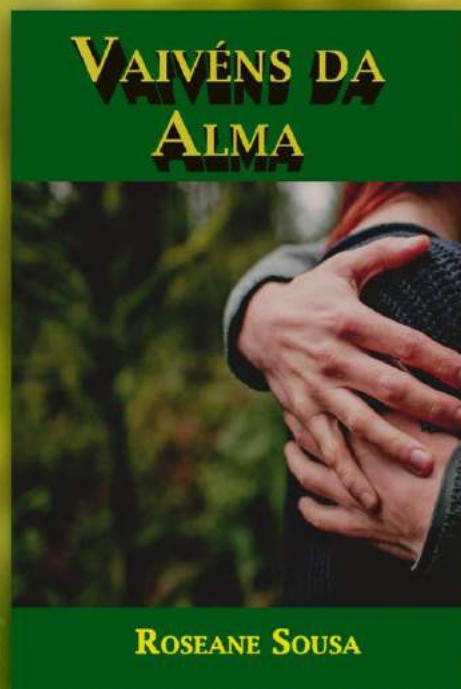
Minicurrículo dos autores:

Cida Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (Wak Editora, 2014) e autora dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (Wak Editora, 2016), *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *“Nóis sabe português”* (Wak Editora, 2017) e *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019). Organizadora dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019) e *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequ-Matte, 2019). Integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Sérgio Simka é professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Organizador dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019) e *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequ-Matte, 2019). Autor, dentre outros, do livro *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019). Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Vaivéns da Alma

ROSEANE SOUSA



“Já se expusera demais para um único dia. Contraditoriamente, foi mais fácil com estranhos do que com sua mãe. Estranhos eram, para ela, pessoas vazias. Vazias como ela se sentia. Estava agora, porém, diante da pessoa que lhe dera a vida. Vida essa que ela duvidava que ainda existisse. Um sentimento difuso e incômodo fermentava dentro dela, ali, diante de sua mãe sedenta por informações. Olívia precisava ser cuidadosa. Mas, como ter cuidado? Não estava em condições de elaborar um discurso cauteloso. Não estava em condições de elaborar os próprios pensamentos. Então, despejou, de uma só vez, sem mudar a expressão nem o tom de voz:
— Fui estuprada.”

Diz o ditado que “o tempo cura todas as feridas”
Cura mesmo? Ou apenas as encobre? Algumas feridas nascem com a gente. Outras, adquirimos no desenrolar da vida. Há feridas que rasgam a carne... e outras que dilaceram a alma. Com todas é preciso aprender a lidar.

Dados técnicos:
Título: Vaivéns da Alma
Autora: Roseane Sousa
Disponível na Amazon
Páginas: 560
Editora: Orel Books

Instagram: @roseanesousa78 - <https://www.instagram.com/roseanesousa78>
Facebook (página): Roseane Sousa – Literatura - https://www.facebook.com/roseane-sousaliteratura/?view_public_for=109771703722532

ADQUIRA JÁ. ACESSE





RESENHA POR RAFAEL BOTTER

Sinopse: Conhecido como "O Irlandês", Frank Sheeran (Robert De Niro) é um veterano de guerra cheio de condecorações que concilia a vida de caminhoneiro com a de assassino de aluguel número um da máfia. Promovido a líder sindical, ele torna-se o principal suspeito quando o mais famoso ex-presidente da associação desaparece misteriosamente.

Impressões:

É possível reunir Robert De Niro, Al Pacino e Martin Scorsese em um filme da Netflix? Sim, é possível! O espectador vai conhecer mais uma produção de peso da plataforma de streaming.

O longa possui uma premissa bem formulada, sendo baseado em uma biografia, mais especificamente na obra literária "I Heard You Paint Houses" de Charles Brandt, do qual apresenta à vida de Frank "O Irlandês" Sheeran.

Frank foi veterano da 2ª Guerra Mundial, logo após, foi acusado de envolvimento com a máfia.

A premissa principal é abordar um dos crimes mais notórios dos Estados Unidos, o desaparecimento de Jimmy Hoffa, líder sindical que foi assassinado de forma brutal, até hoje o crime não foi solucionado.

Frank levava uma vida modesta e tranquila, sendo motorista de caminhão, até estar completamente envolvido com a máfia, após conhecer Russel Bufalino.

O espectador vai se assustar, pois o longa possui exatos 03h30min de duração. Típico de Scorsese, porém! Sem ser cansativo e enfadonho, o roteiro é bem estruturado e tem uma fluidez constante no decorrer dos minutos.

Martin Scorsese consegue recriar de forma ampla toda essência da época, meticulosamente recriando elementos visuais do período retratado no filme, nos mínimos detalhes.

Uma obra surpreendente, Netflix acertou em gênero, número e grau. Sendo aclamado pela crítica e usuários da plataforma. Forte concorrente para os maiores prêmios da sétima arte em 2020.

Atuações? Dispensa comentários! De Niro e Al Pacino dão um show de atuação, mostrando o melhor da sétima arte com duas lendas vivas do cinema.

É notório todo o investimento milionário da Netflix, pois utilizaram diversas técnicas de computação para deixar mais novos os personagens principais. Um feito e tanto! Voltando para a trama. Frank consegue uma influência muito

forte no meio da máfia, entretanto! Algumas pessoas acabam se tornando uma espécie de “barreira” para os negócios do “Irlandês”, estamos falando do Jimmy Hoffa.

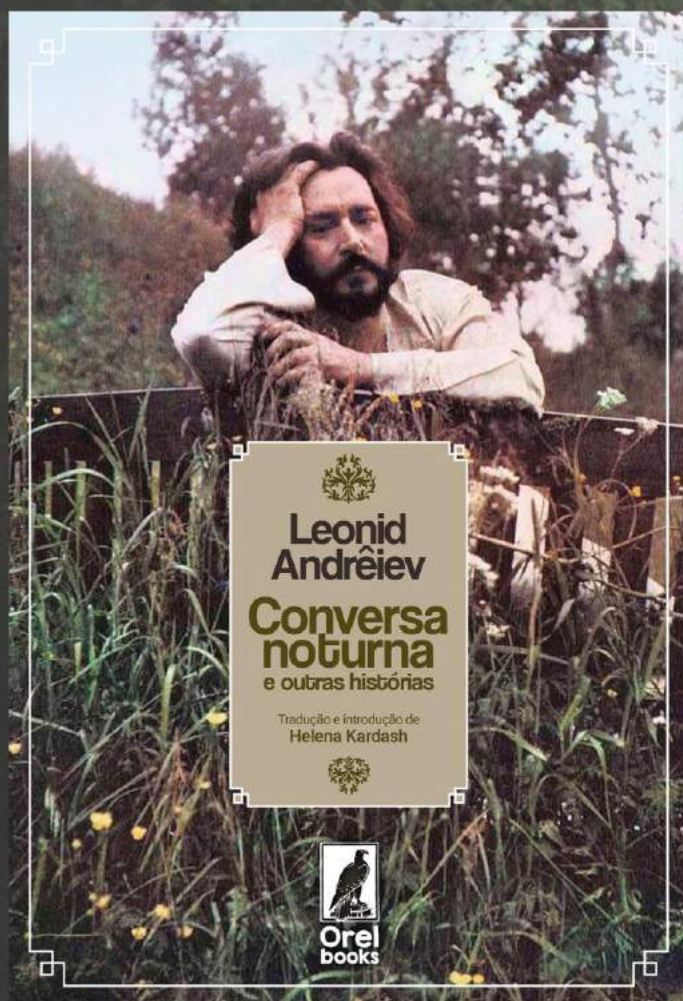
O ponto chave do longa é mostrar todo o mundo obscuro da máfia americana, todo o bastidor de poder, ganância e crimes cometidos por décadas.



Título Original: The Irishman - Direção: Martin Scorsese - Duração: 03h30min - Ano: 2019
Elenco: Robert De Niro, Al Pacino, Joe Pesci, Harvey Keitel e Ray Romano - Gênero: Suspense, Biografia, Drama - Origem: Estados Unidos

Rafael Botter nasceu lá pelas décadas de 80/90. Vive em Ibitinga interior de São Paulo. É apaixonado por literatura e pretende seguir carreira como escritor e crítico literário. Escreve para o blog literário Livreando e participa do Podcast Edição Rápida. Suas outras paixões são tudo sobre astronomia, cosmologia e astrofísica, além de ser viciado em jogar xadrez. E-mail: botter.rafael@gmail.com.

OREL BOOKS LANÇA "CONVERSA NOTURNA E OUTRAS HISTÓRIAS" DE LEONID ANDRÊIEV



Leonid Andrêiev foi um dos maiores escritores da chamada Era de Prata da literatura russa, entre o fim do Século XIX e início do Século XX. Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andrêiev não desfruta hoje do reconhecimento e da divulgação que merece junto aos leitores lusófonos. Este livro visa preencher esta imensa lacuna editorial, oferecendo aos leitores brasileiros um volume exclusivo e inédito em português de obras de Andrêiev, em cuidadosa tradução direta do russo. São ao todo 19 textos, sendo 18 contos e novelas e uma peça de teatro, em mais de 400 páginas, com esmerada produção editorial e gráfica. O leitor encontrará nos textos desde a ternura e compaixão de Andrêiev pelas pessoas simples do povo russo, como também reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, passando, ainda, pelo lado sombrio e soturno característico de sua obra e finalizando com um toque de humor.

Dados técnicos:

Título: Conversa noturna e outras histórias

Autor: Leonid Andrêiev

Tradutora: Helena Kardash

Capa: brochura

Páginas: 417

Editora: Orel Books

Edição: 1ª (agosto de 2019)

Idioma: Português

ISBN: 978-65-80695-00-3

Formato: 23 x 16 x 2,5 cm (sem embalagem)


Peso: 800g (com embalagem)

ADQUIRA JÁ. ACESSE




SUBLIMINAR

POR LUIZA MOURA



**"Perdida num azul inefável
Sob a luz das estrelas
Atenta aos seus olhos fixos
Ainda trêmula, ponho-me a falar
Tensa me entrego
Me permito sentir
Ao redor nada mais existe
As casas em preto e branco
Ofuscadas pelas cores do amor
Não têm nenhum significado
Você é a própria lua
E como quem descobre o infinito
É nos teus braços o meu lugar."**

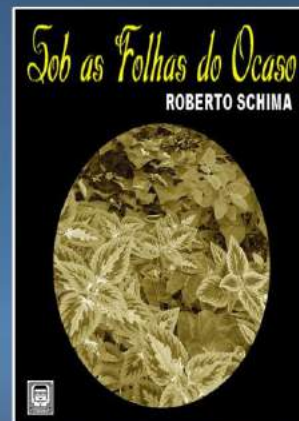


Luiza Moura de Souza Azevedo é uma amante das artes e acredita na poesia como oxigênio para a alma. Está sempre em busca de novos aprendizados. Já participou de algumas antologias. Publicou seu livro: A pequena Flor-de-Lis, o Beija-flor e o imenso amarElo. Instagram: @luiza.moura.ef



Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

— PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES

INDRISOS LITERO-POÉTICOS EM TRÊS ATOS CONEXOS

Por Marcos Pereira dos Santos; Alexandre da Silva
Camêlo Rurikovich Carvalho e Edson Kogut

TOMO I – Vers(ej)ando Poeticamente Sobre Indrisos Literários

**Indrisos literários são poemas estruturados assim:
Oito versos: dois tercetos e dois monósticos; enfim.**

As seis formas combinatórias das estrofes variam bastante.

Tudo depende da preferência e do estilo literário do(a) indrisonista.

Duas estrofes de três versos e duas de um verso são o montante.

**No Brasil, indrisos são uma composição literária de-
ras recente.**

**Eles têm conquistado muitos adeptos nos dias atuais.
Basta apenas criá-los, vers(ej)ando poeticamente.**

TOMO II – Poemando Indriscamente

**Amo a palavra escrita, o ato de escrever.
Por meio dela expresso, informo e comunico.
Deixo vir à tona toda a essência de meu ser.**

**Sou escritor, escrevente, poeta indrisonista; literato.
Vers(ej)ando, a imaginação aflora sem igual;
Consagrando-me e eternizando-me, de fato.**

**Salve a Literatura de gênero lírico e épico!
E também o indriso como estilo literário poético!**

TOMO III – Poet(is)a Indrisonista

**O/A poet(is)a indrisonista poe(ma)tiza à moda de in-
drisus.**

**Os poemas abordam quaisquer assuntos temáticos.
Têm duas estrofes de três versos e duas estrofes de
verso único.**

**Ou seja: oito versos ao todo, sendo dois tercetos e
dois monósticos.**

**Indrisos apresentam uma composição literária plural:
3-3-1-1; 1-1-3-3; 3-1-3-1; 1-3-1-3; 3-1-1-3 ou 1-3-3-1
versos possíveis.**

Todos eles com mui significado e relevância capital.

Indrisos litero-poéticos: verdadeiros delirium lyricus!



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Príncipe Real, sagrado dinasticamente pela Augustíssima e Soberana Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente - Rio de Janeiro/RJ. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG. Renomado pesquisador em Ciências da Educação. Exímio literato profissional. Defensor militante da causa da Educação, da Literatura Brasileira e dos Direitos Humanos. Docente do Magistério Superior em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Alexandre da Silva Camêlo Rurikovich Carvalho – Brasileiro. Natural do município de Nova Iguaçu/RJ, onde reside atualmente. Príncipe Real e Imperial, descendendo diretamente da Linhagem Primogênita, Dinástica e Varonil ininterrupta dos Reis de Leão, dos Reis Godos e dos Reis de Dardânia. Chefe Soberano da Augustíssima e Soberana Casa Real e Imperial dos Godos de Oriente - Rio de Janeiro/RJ. Pós-Doutor (PhD) em Filosofia pela Faculdade de Teologia Internacional Antioquia (FTIA) - Brasília/DF. Célebre pesquisador em Filosofia e Ciências da Religião. Ilustre escritor. Defensor militante da causa da História do Império e dos Direitos Humanos. E-mail: domalexandre-carvalho@gmail.com

Edson Kogut – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR. Eminentíssimo pesquisador (voluntário) da área de Teologia. Escritor e poeta amador. Defensor militante da causa dos Direitos Humanos. Notabilíssimo profissional da área de segurança privada e patrimonial em Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. E-mail: edsonkogutpgpr@hotmail.com

ENTREVISTA COM

RAIMUNDO COLARES RIBEIRO

Ligado às atividades culturais do seu Estado, Raimundo Colares Ribeiro tem exercido cargos de destaque, entre os quais o de conselheiro do Conselho Estadual de Cultura do Amazonas; presidente da Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas (Alcear); presidente da Academia Amazonense Maçônica de Letras; presidente da Academia de Ciências Contábeis do Amazonas; presidente da Associação dos Escritores do Amazonas (Asseam); e Grande Secretário de Cultura da Grande Loja Maçônica do Amazonas. Possui 16 livros publicados, com destaque a “Viagens à Corte do Solimões”, “Amazonas, Meu Grande Amor”, “Capitais Brasileiras: Cidades Maravilhosas” e “A Música do Seu Coração”.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Raimundo Colares Ribeiro: Muitas vezes falei dos meus escritos iniciais e do meu primeiro livro “Viagens à Corte do Solimões”. Aliás, esse livro, cuja edição encontra-se esgotada, tem me deixado muito feliz ao vê-lo citado em trabalhos escolares e, sobretudo, em monografias e dissertações. Hoje, com o lançamento do livro “A Música do Seu Coração”, aproveito a oportunidade para agradecer a todas as entidades que, ao longo dessa minha caminhada literária, acolheram-me sob suas colunas. São elas: Associação dos Escritores do Amazonas (Asseam), Academia de Letras, Ciências e Artes do Amazonas (Alcear), Academia Amazonense Maçônica de Letras, Academia de Ciências Contábeis do Amazonas, Academia de História do Amazonas, Academia Brasileira de Medalhística Militar (Abrammil), Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture, Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes (Febacla), Academia de Letras do Brasil (Alb-Amazonas), Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias

(Abepel) e Academia de Letras e Culturas da Amazônia (Alcama).

Conexão Literatura: Você é autor do livro "A Música do Seu Coração". Poderia comentar?

Raimundo Colares Ribeiro: “A Música do Seu Coração” é obra que retrata os bastidores de um programa musical de final de ano, realizado pela Rádio e Voz Comercial Agá-Erre, em 31 de dezembro de 1983, na cidade de Tefé, Amazonas. Durante a programação, desfilaram

grandes sucessos do momento, tanto nacionais como internacionais, entre eles: “Rivers Of Babylon” (Boney M.), “Sailing” (Rod Stewart), “Un Angelo” (I Santo California), “Night Fever” (Bee Gees), “I Love To Love” (Tina Charles), “Sempre Tu” (Pupo), “Bem” (Michael Jackson), “Every Man Must Have” (Liverpool Express), Reality (Richard Sanderson), “Me And You” (Dave Maclean), “All By Myself” (Eric Carmen), “All Out Of Love” (Air Supply), “She Believes In Me” (Kenny Rogers), “You Needed Me” (Anne Murray), “Total Eclipse Of The Heart” (Bonnie Tyler), “Hard To Say I’m Sorry” (Chicago), “Love Of My Life” (Queen), “More Than e Can Say” (Leo Sayer), You Know My Dreams (Ruser), “If You Could Remember” (Tony Stevens), “Esclavo Y Amo” (Los Pasteles Verdes), “If” (Bread), “Passion Love Theme” (The Magnetic Sounds), “Goodbye My Love, Goodbye” (Demis Roussos), “Dust In The Wind” (Kansas), “I Love You, Je T’Aime” (Frédéric François), “Como Há Dez Anos Atrás” (Renato e Seus Blue Caps), “Eu Não Sabia Que Você Existia” (Leno e Lilian), “Multidão” (Ricardo Braga), “Brasa Viva” (Katia Cilene), “Cheiro de Hortelã” (José Augusto), “Eu Queria Dizer Que Te Amo Numa Canção” (Fernando Mendes), “Lembranças” (Katia), “Sonhos” (Peninha), “Te Amo” (Wanderléa), “Não Diga Nada” (Gilliard), “Pra Nunca Mais Chorar” (Vanusa), “Como é Grande o Meu Amor Por Você” (Roberto Carlos), “Porque Brigamos” (Diana), “O Menino da Gaita” (Sérgio Reis), “Tente Outra Vez” (Raul Seixas), “Nos Teus Braços” (Reginaldo Rossi), “Uma Música Lenta” (Lilian), “Os Anjos” (Odair José), “Menina Veneno” (Ritchie), “Mas Que Frio Faz” (Ed Wilson), “Gaivotas” (Antonio Marcos), “Baby Eu Te Amo” (Wanderley Cardoso), “Êxtase” (Guilherme Arantes), “Muito Estranho” (Dalto), “Reluz” (Marcos Sabino), “Casinha Branca” (Gilson), “Fanatismo” (Fagner), “Coroação” (Dino Rossi), “Linda Juventude” (14 Bis), “Impossível Acreditar Que Perdi Você” (Márcio Greyck),

“Foi Deus Quem Fez Você” (Amelinha), “Pelo Amor de Deus” (Paulo Sérgio), “Moça” (Wando) e “Se Você Disser Que Sim” (The Fevers). Manhã e tarde inesquecíveis!!!

**Conexão Literatura:
Poderia destacar um
trecho do qual você
acha especial no seu
livro?**

Raimundo Colares
Ribeiro: Sim. Faz parte do Capítulo 16. O capítulo todo descreve momentos da minha vida junto aos meus queridos pais. Que saudades tenho deles!!! Acompanhemos:

A pausa para o almoço, que durou um pouco menos de uma hora, a Kátia utilizou-a para ir até a casa da sua mãe Lucelina, com quem morava, enquanto eu fiquei mergulhado em oceanos de pensamentos e recordações. A Dona Leica havia caprichado no pirarucu a casaca e na sobremesa de sorvete de cupuaçu.



Apaixonado pela música, creio que ela está profundamente ligada à minha vida e, por isso, deixa-me calmo, revigorado e feliz. Na verdade, sinto um bem-estar indescritível. É bem provável que eu tenha aprendido a gostar de música, desde criança, com o trabalho desenvolvido pelo meu pai, no seu

comércio, que, às vezes, funcionava como bar, com uma geladeira que não gelava muito. Operava a querosene. À noite, após a energia elétrica ser desligada na usina pública, às 19 horas, e a cidade ficar à luz de luar, entrava em ação o lampião Aladdim, de alumínio, também a querosene.

Em determinada ocasião, papai inaugurou um salão de festas de nome Vitória-Régia. Eu deveria estar com a idade de 6 anos. Nesse tempo, em Tefé, ainda não existiam eletrolas modernas com alto-falantes potentes. O som da pequena eletrola, que funcionava a pilhas alcalinas e tocava nas rotações 33, 45 e 98, era amplificado com as cornetas do sistema de alto-falantes da Voz Comercial Agá-Erre, que ficavam posicionadas dentro do salão, em local estratégico, para não prejudicar o trânsito dos seus frequentadores. O amplificador acomodava doze pilhas, distribuídas em três suportes iguais. (...)

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Raimundo Colares Ribeiro: Em formato eBook Kindle, o livro “A Música do Seu Coração” pode ser adquirido na Amazon (www.amazon.com.br), unicamente. Para saber um pouco mais sobre o trabalho literário desenvolvido por este escritor, basta acessar o meu Blog (raimundocolaresribeiro.blogspot.com). E se desejar ouvir as músicas citadas no livro, faça-o no Canal Youtube “A Música do Seu Coração” (<https://www.youtube.com/channel/UChNWlt896004mDu3xGSlhSw>).

Perguntas rápidas:

Um livro: Bíblia Sagrada;
Um (a) autor (a): Dan Brown;
Um ator ou atriz: Nicolas Cage;
Um filme: A Lenda do Tesouro Perdido;
Um dia especial: DEUS nos dá a vida. Acredito que todos os dias sejam bênçãos especiais do nosso CRIADOR. O livro “A Música do Seu Coração” é

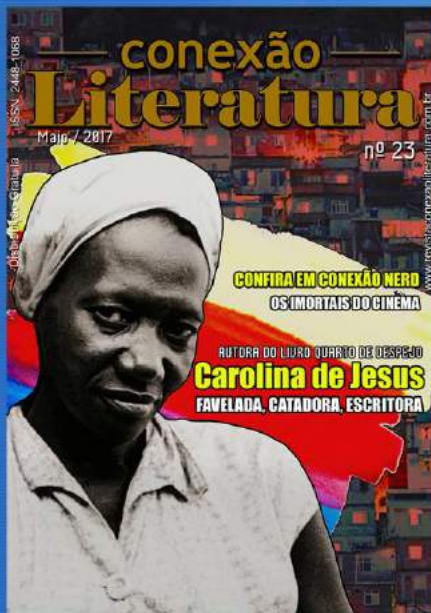
comemorativo aos 35 anos de feliz matrimônio com minha esposa Kátia. Por isso, 20 de dezembro de 1984 também foi um dia especial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Raimundo Colares Ribeiro: Desde já, agradeço de coração a todos os amigos que adquirirem o livro. Agradecimentos estendidos ao amigo Ademir Pascale pela inestimável ajuda na efetivação do e-book e divulgação deste trabalho. Obrigado.



Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>



O MUNDO DE ALICE

Por Míriam Santiago

Conto

Alice estava sentada no chão de terra batida quando passou correndo um coelho branco com olhos cor-de-rosa dizendo para si mesmo: “Oh puxa! Oh puxa! Eu devo estar muito atrasado! E depois o coelho tirou um relógio do bolso do colete, e olhou para ele, apressando-se.

A menina levantou-se rapidamente e pôs-se a correr atrás do coelho e ao vê-lo saltar para dentro de uma grande toca de coelho embaixo de uma cerca ela fez o mesmo. A toca dava diretamente em um túnel. E Alice andava devagar, o coelho, por sua vez, estava longe, já que estava atrasado!

Mesmo no escuro do túnel, que parecia sem fim, sem medo, a menina foi caminhando, pois queria saber onde iria dar. De repente, o buraco foi recebendo uma leve claridade, que foi aumentando até aparecer uma saída.

Alice ficou estarrecida ao ver a linda paisagem oriunda da estreita passagem de onde viera, e quem veio recebê-la foi o coelho.

— Alice venha comigo quero te apresentar algumas pessoas.

E a menina foi respondendo para um coelho. A princípio achou estranho, mas a beleza do lugar a encantou. Em fila, várias crianças uniformizadas, com

suas mochilas às costas, lindas e sorridentes. A casa era imensa a perder de vista toda sua extensão.

— Vamos Alice, quero te mostrar este lugar, falava o coelho, que não mais estava atrasado, já que deixara o relógio de lado.

— Que lugar é este, nunca estive aqui.

— Vamos andando, veja que a casa é muito grande e aos fundos, temos várias quadras de jogos — falava e apontava o coelho.

— Nossa, e não vejo nenhuma criança correndo, tem duas piscinas!

— É que as crianças estão em aulas, depois é que vão para as quadras, após o horário das aulas — explicava o coelho.

— Como é seu nome? E por que me trouxe para cá? — Argumenta Alice.

— Me chamo Hélio, e assim que te vi sentada naquele lugar lendo, presumi que quisesse conhecer esta escola, não é legal? Responde o coelho.

— Mas assim do nada, responde Alice, estou adorando conhecer tudo isso, sai correndo a menina, que nunca estivera em uma escola tão magnífica como aquela; aliás, há alguns anos não frequentava escola alguma.

E os dois caminharam por todo o espaço. A área tinha belos jardins bem cuidados e floridos, com espaços para balanços, escorregadores e outros brinquedos. Tudo muito limpo, com várias pessoas cuidando do lugar, que sorriam para Alice.

— Nossa, nunca estive em um lugar assim, e é uma escola, não é um clube, tudo isso para que todas essas crianças possam usufruir, gostaria de estudar aqui — falava Alice a Hélio.

— Eu sei que é um ambiente novo para você minha cara, vou falar com a diretora, para que possam encaixá-la em uma classe — responde Hélio.

E os dois caminhavam pelo lugar conversando, tão incomum por ser ele um coelho, e as pessoas não se importavam, tudo parecia um conto de fadas! Era, com certeza, um mundo perfeito do qual ela não pertencia, nunca havia estado, já que sua classe social não permitia, mas ali sentia-se bem-vinda, as pessoas não a expulsavam e sim, sorriam e acenavam para ela. No fundo de seu coração ela sabia que seu mentor coelho e ela não se encaixavam na perfeição, na riqueza e grandiosidade daquele todo, e mesmo assim isso não tinha a menor importância para aquelas pessoas, muito gentis.

Alice estava tão feliz que mal se cabia. Podia andar sossegada, cheirar o perfume das flores, andar na grama sem que ninguém a enxotasse, se sentia querida, importante, normal.

— Hélio, minha mãe nunca terá dinheiro para pagar, jamais poderei estudar nesta escola e em nenhuma outra — dizia cabisbaixa a menina.

— Não fique triste, como te falei, vou dar um jeito para você estudar nesta escola, só desejo vê-la feliz. Você só diz minha mãe, e seu pai?

— Ele faleceu, quando era vivo tínhamos mais chance, mas depois do acidente, nossa vida mudou.

— Entendo, bem, vamos andando que ainda temos muito a explorar! — Dizia o mentor à frente e a menina atrás saltitando de felicidade, já que o coelho era divertidíssimo e falava muitas coisas engraçadas. Os dois foram ter à cozinha da escola e uma senhora sorridente com um avental muito branco e um turbante

azul a segurar os cabelos entregou à Alice um pedaço de bolo de chocolate, que estava delicioso. Há muito tempo não comia um bolo assim.

— Venha Alice, lá está a diretora, vou apresentá-la para que você inicie seus estudos — e Hélio gritando a frente o nome da mulher, Laura se vira e acena para eles. A bonita e simpática diretora trajava um vestido rodado marrom-claro abaixo do joelho com um avental que complementava a roupa, cabelos penteados e presos à nuca davam um charme a silhueta esguia da mulher, que ficou parada a espera de Alice.

Ao se aproximar da diretora, que esticava o braço para cumprimentá-la entregando-lhe um livro, um barulho estrondoso balançou a cabeça da menina, que desorientada escuta um som ao longe, alguém grita o seu nome bem devagar, e ao ouvir A L I C E! Ela se dá conta de que é a mãe, era a voz de sua mãe e mal apertara a mão da diretora ela se vira e começa a correr deixando para trás Laura, a diretora e Hélio, o coelho, que grita Adeus Alice!

A menina então mais veloz do que nunca correrá antes na vida vê de longe a abertura do túnel de onde viera e entrar em velocidade no buraco, esbarrando nas paredes em barro, mas ela não perde tempo, já que o som de seu nome parece estar mais próximo de seus ouvidos e num estalo, levantasse do chão!

— O que foi mãe, você me assustou! — Diz a menina.

— Andei a sua procura e não te encontrava em parte alguma, pensei que

tivesse partido! — Fala a mãe com rosto sofrido.

— E eu partiria para onde, não tenho outro lugar senão estar aqui — diz Alice.

— É que está escurecendo, já fecharam a porta, as pessoas já foram embora e isso aqui é muito grande, fico preocupada com você andando por aí.

E a menina se dá conta que retornara de sua agradável aventura conduzida por seu mentor coelho a um mundo tão diferente o qual mesmo não pertencendo seria aceita. Olhou ao redor e viu sua realidade, dormia juntamente com mais 50 sem-teto no cemitério da Vila Nova Cachoeirinha, na zona norte de São Paulo. O abandono do local ao longo dos 350 mil m² do cemitério, o segundo maior de São Paulo, com 21 mil sepulturas e gavetas, parte delas encobertas por um matagal que atinge a altura da cintura de um adulto e foi justamente nesse lugar hostil que elas vieram parar no final de 2017 permanecendo já há um ano ali, juntamente com o resto das pessoas.

— O que tem nas mãos Alice? — Pergunta-lhe a mãe.

— Um livro de história — diz a menina com lágrimas aos olhos.

— E onde encontrou esse livro? Deixe-me ver — diz a mãe e a menina mostra a capa: “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”.

A menina abraça o livro com todo o cuidado e segue a mãe que vai a frente com outras mulheres do grupo.

O início e a ideia de aventura do texto se basearam na obra célebre “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”, escrita por Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, publicada em 4 de julho de 1865.

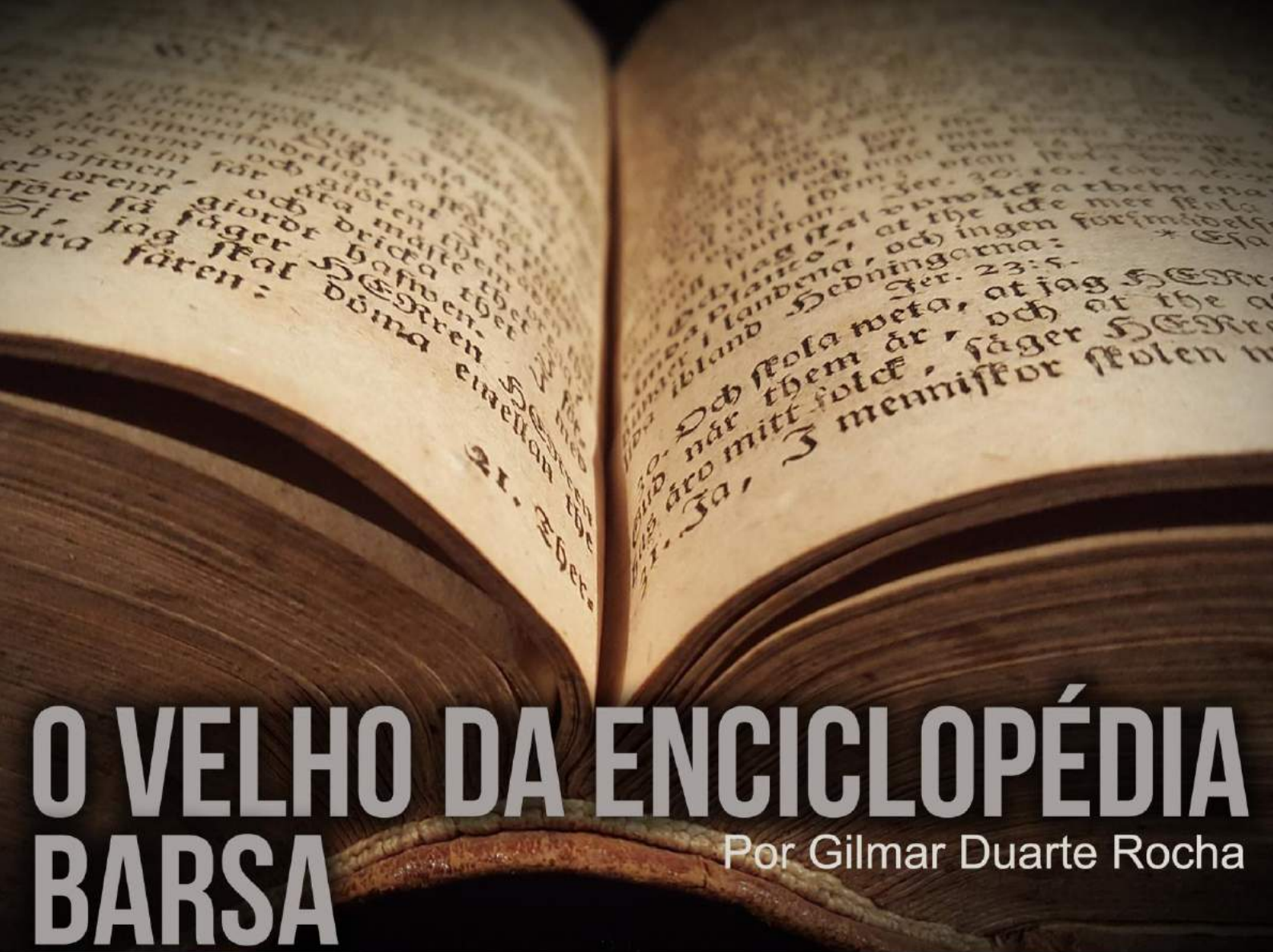
Lewis Carroll é considerado precursor e um dos maiores impulsionadores da literatura nonsense (tipo de literatura que expressa situação ilógica ou linguagem absurda), um gênero literário que subverte os contos de fadas tradicionais, criando narrativas que não seguem as regras da lógica.

É precisamente nesse caráter de absurdo que parece estar a singularidade da obra, que se tornou um ícone literário e cultural, que tem sido representada e recriada na pintura, no cinema, na moda e nas mais diversas áreas.



Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



O VELHO DA ENCICLOPÉDIA BARSA

Por Gilmar Duarte Rocha

Conto

Já faz muito tempo, numa cidade do interior do estado da Bahia, onde eu caminhava todo dia para a escola e o meu trajeto até o ginásio passava obrigatoriamente em frente ao coreto da Praça do Relógio. Não havia outro caminho: todos os estudantes do Instituto de Educação Anísio Teixeira tinham que passar defronte ao coreto da Praça do Relógio para chegar ao colégio.

De formato clássico, o coreto era circular; ornado de telhas coloniais brancas; os arabescos, que emolduravam a linha de apoio ao telhado, eram bem delineados e artisticamente moldados em cimento e gesso; cinco pilastras de

madeira, de cor bege, sustentavam o teto; gradis de ferro, trabalhados por artesão de metalurgia, circundavam o pavilhão; uma pequena abertura para a entrada dos músicos de festas de ocasião e uma escadaria espiralada para facilitar o acesso ao palco complementavam a arquitetura. O coreto de minha cidade era como um coreto de uma cidade qualquer.

Contudo, havia no coreto de minha cidade um elemento díspar: havia um senhor, um velho de longas barbas brancas; cabelos ralos e acinzentados; gebo; de pele trucidada pelo tempo; trajando sempre um velho e surrado casaco de couro em estilo vaqueiro, e se

sentava no último degrau da escada do coreto e ficava por lá dias a fio, fizesse chuva, fizesse sol, fizesse calor, fizesse frio, sempre com um livro grosso numa mão e um monóculo na outra. O velho parecia confundir-se com a paisagem do coreto.

Das centenas de alunos que cumpriam aquele trajeto diuturnamente, parecia que eu era o único deles que prestava atenção na onipresença do velho. Um belo dia despi-me da minha timidez renitente e, meio que rastejando e roçando no batente que amparava os gradis, dei dois passos em direção à escadaria e aproximei-me do ancião. Antes que eu dissesse alguma coisa, ele antecipou-se e falou, de rompante, em tom ufanista.:

— Ah! Você é um desses jovens cidadãos que vão tornar esse país grande. Quando abri a boca, ele me perguntou: você está tendo dificuldade em alguma matéria? Algum assunto complicado? Eu posso te ajudar.

— Não. Acho que o senhor não saberia me explicar o que é a Doutrina Monroe. Cai amanhã na prova de História Geral e eu ainda não consegui comprar o livro da escola — respondi com extrema sinceridade, pois o nosso orçamento familiar andava bastante minguado naquela época e meu pai não havia comprado todos os livros da grade escolar.

O senhor de olhos negros, profundos, de cristalino embaçado, viscoso e amarelado pelo tempo, lançou-me um olhar severo e penetrante, o que de certa forma me deixou apreensivo, e falou:

— Ora, rapazinho. Quando disseste “não”, esperava que irias me

perguntar alguma coisa hermética ou extremamente erudita.

— Não sabia o que significava “hermética” e nem “erudita”, mas notei que o homem que carregava nas mãos um livro grosso, de capa vermelha, em cuja lombada constava a palavra “BARSA” em letras garrafais e douradas, tinha alguma espécie de conhecimento.

E tinha de fato: sem precisar fazer consulta alguma, detalhou-me em pormenores o significado da Doutrina Monroe; a origem da resolução proferida pelo presidente James Monroe ao congresso americano; seus objetivos; sua aplicação e suas conseqüências nos meses, anos e séculos depois.

Fiz a prova de História Geral no dia seguinte e ganhei nota 10. Não apenas por resolver as questões inerentes a Doutrina Monroe; como também, outras pertinentes a Revolução Mexicana; a independência dos países latino-americanos de origem espanhola, e outros tópicos concernentes à formação política do continente americano.

Depois desse feito, tornou-se rotina as conversas com o velho do coreto, que não sabia apenas História Geral: dominava Álgebra, como poucos, Física, Química, História, Matemática e até Latim, matéria que ainda fazia parte do currículo das escolas públicas de então. O homem, que atendia pela graça de Antônio Sacrossanto, era um oráculo em carne e osso.

Curioso com tanta sapiência, eu o perguntei certa feita por que, ao invés de ficar ali, no coreto, sol a sol, apenas lendo (ou relendo) os 22 tomos da Enciclopédia Barsa; outros tantos da Enciclopédia Britânica; a primeira enciclopédia organizada por Denis Diderot, almanaques em francês e em

inglês, enfim, uma enorme gama de impressos e compêndio, ele não estava fazendo parte do corpo docente da escola ali ao lado. Ele me devolveu um olhar profundo e respondeu sumariamente:

— Sou proibido de ensinar.

Tentei obter mais informações com ele acerca daquela interdição inexplicável, ele tergiversou e não me esclareceu o real motivo. Eu era muito imberbe, completamente desprovido de malícia, jamais entenderia realmente a razão daquele homem prostrar-se defronte a uma instituição de ensino e apenas lia, lia e lia, sempre sentado no último degrau da escada do coreto. Seria alguma forma de protesto sobre alguma coisa? Pois o homem apenas vivia lendo, lendo e vendo o mundo passar.

O coreto de minha cidade paradoxalmente não era como um coreto de uma cidade qualquer.

Os meses se passaram lentamente naquele ano especial. A primavera chegou. As flores desabrocharam. Bombas eclodiam nos corredores do colégio. As provas finais chegaram. O verão batia à porta. Alguns colegas misteriosamente desapareceram das salas de aula. As flores ainda não haviam morrido. O calor pedia passagem. O resultado final dos testes foi divulgado e publicado. Eu estava apto a prestar vestibular na universidade da capital, com um ano de antecedência em relação à maioria dos secundaristas.

Naquele dia, saí feliz e radiante da escola. A primeira pessoa que busquei para comunicar o meu êxito foi o velho da enciclopédia Barsa. No entanto, após muitos meses, a figura do velho já não fazia parte da paisagem do coreto. Fiquei curioso. Fui até o pipoqueiro que

mantinha ponto defronte à escola e procurei saber sobre o paradeiro do velho. “Desde ontem ele não aparece aqui, rapaz”, respondeu laconicamente o comerciante.

A curiosidade cedeu à frustração e a frustração à intriga.

Dois meses depois, quando viajava de ônibus, de mala e sonhos para capital, ouvi dois senhores no banco de trás do veículo comentando algo que me atingiu como se fosse uma flecha:

“Você soube que Valdomiro Adorno, aquele terrorista procurado no Sul, foi preso em Bom Jardim na semana passada?”

“Pois é. O sujeito veio parar nessas bandas. Se passava por mendigo e ficava sentado naquele coreto em frente ao colégio”.

“Será que ele se escondia de fato ou tentava arregimentar algum aluno para a causa assassina dele?”

“Vá lá saber. Essa raça tem que ser extinta da face da terra”

“Me disseram que o sargento Amoroso desconfiou do comportamento do homem, que se fazia de mendigo, quando ele começou a atrair jovens e a ler para eles pensamentos de um certo livro vermelho e grosso”

“Bem do jeito deles. Não desistem mesmo, apesar da redentora ter liquidado milhares deles”

Depois de ouvir aquele colóquio sobrenatural, passei o resto da viagem soturno, pensativo e contrariado. Sentia-me como uma espécie de inseto, inútil e peçonhento. Um tipo de sanguessuga talvez.

Dois anos depois, quando era secretário do grêmio estudantil da faculdade, comecei, de fato, a entender todos aqueles acontecimentos dos meus

últimos dias de ginásiano. Os tempos, no entanto, eram outros. O mundo havia girado várias vezes e com as rotações e translações foram para o espaço muitas ideias, pensamentos, conceitos de vida, projetos e utopias.

Uma coisa, entretanto, arraigou-se para sempre na minha cabeça e no meu

coração: a figura doce, cordial, generosa e sábia do velho da enciclopédia Barsa do coreto da cidade, que, de vez em quando, gostava de repetir esta frase emblemática: “Nunca se esqueça. Não há ideologias — o mundo se divide entre as criaturas que tem vergonha na cara e as que usam máscara para encobrir a hipocrisia”.



Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, *O berço de Judas*, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.



A CASA DO MISTÉRIO

Por Roberto Schima

Conto

Sinto um frio percorrer minha espinha...
Sei bem o porquê.

Sou apenas um velho que tardou a ter filhos e, agora, retorno ao passado menos por nostalgia do que por força da necessidade.

Estou prestes a girar o volante e fazer um desvio do caminho para a direita, por uma das várias travessas de nomes indígenas. Rostos de criança surgem em minha mente em flashes repentinos, ofuscando o pesar de uma perda recente. Sensações retornam das profundezas, trazendo de volta o menino que eu fui.

— Por que saiu da avenida? — indaga minha esposa. — Pelo que vi no mapa, sua

antiga casa fica por ali mesmo, mais para a frente.

Levo uma das mãos aos meus cabelos grisalhos. Procuo disfarçar, como se eu não a conhecesse, ou pior: como se ela não me conhecesse. Embora bem mais jovem do que eu, sempre foi mais esperta.

— Na-nada demais, eu só quero mostrar os arredores para as crianças... É onde passei a infância.

— Deixa disso — repreende-me. — Logo você que estava apressado depois da demora na serra?

Aperta seus olhos e, sob um ar travesso, adivinha meus pensamentos. Fala num tom duro e transparente de bola de cristal:

— *É lá adiante que fica aquele lugar, não é?*

Nossos filhos adolescentes no banco de trás prontamente têm a curiosidade aguçada.

— *Que lugar, pai? — pergunta Denis, nosso garoto.*

— *É a casa do fantasma? — pergunta Graziela, nossa caçula, sempre tão atendida quanto a mãe.*

— *Fa-fantasma? — gagueja Denis.*

Fito minha esposa num misto de repreensão e receio.

Ela sorri uma inocência fingida.

— *Você não toma jeito! — reclamo.*

— *Ora, volte pra avenida. E conte de novo aquela história. Falou tanto para mim que eu não perderia essa oportunidade por nada.*

— *É, pai, fala! — faz coro a Grazi.*

Denis limita-se a arregalar os olhos feito um par de ovos cozidos; curioso, porém, amedrontado.

Reconheço:

"É, esse menino teve bem a quem puxar..."

Era um calmo final de tarde de um ano em plena ebulição:

Estudantes e operários protestavam nas ruas em Paris.

Sondas e naves tripuladas preparavam o caminho até a Lua.

Americanos aniquilavam homens, mulheres e crianças em My Lai.

A primavera despontava em Praga, mas cederia lugar a um longo e frio inverno.

Assinava-se o Ato Institucional nº 5, resultando no recrudescimento da ditadura militar.

E, enquanto nas telas fazia-se uma odisséia no espaço¹ e Roberto Carlos vivia em ritmo de aventura², num palco cantava-se "Pra não dizer que não falei das flores"³.

Porém, para a criança que eu fui, o que tudo isso significava?

Na minha frente, as gaiotas faziam seu derradeiro vôo sobre o mar.

Do lado oposto, não faltava muito para o Sol esconder-se por trás do morro. Sombras cresciam.

— *Vamos até lá! — intimou e apontou Zé Chulé.*

Acompanhei seu dedo e, lá atrás, notei o vulto sinistro coberto pela árvore e rodeado pelo matagal. Tremi na base como um coelho assustado.

— *Pra quê? — perguntei, tentando ganhar tempo, continuando a cavoucar a areia numa ansiedade crescente como se estivesse prestes a encontrar um tesouro pirata.*

— *Você é homem ou não é, Goiaba? — desafiou. — Tá com medo?*

Todos em nossa turma de moleques tinham um apelido. Havia o Salame, o Chalinho, o Japinha, a Baronesa e o Farofa, por exemplo. Zé Chulé era o que era por razões que se tornavam óbvias quando cismava de tirar um pé suado do tênis encardido... Ai, meu Deus! Eu era o Goiaba porque, como ele bem o sabia e vivia provocando, coragem nunca fora o meu forte. Jamais aprendera sequer a nadar. Pegara um trauma depois que quase me afogara certo dia por conta da correnteza.

— *Estou ocupado — falei.*

O garoto mulato riu de gostoso.

¹ "2001 - Uma Odisséia no Espaço" (2001: *A Space Odyssey*), Stanley Kubrick, 1968.

² "Roberto Carlos em Ritmo de Aventura", Roberto Farias, 1968.

³ Geraldo Vandré.

— Ocupado com o quê?
Brincando de fazer casinha na areia?

— É um castelo! Tem cavaleiros,
príncipe e dragões.

— Dá na mesma: coisa de
mariquinha. — E puxou-me pelo braço.
— Vamos!

— Me deixa!

— Anda logo, princesa!

Zé Chulé, menino encorpado,
possuía mais força do que eu e já estava
arrastando-me para fora da praia, surdo
aos meus queixumes, em direção àquele
lugar que todo pivete sensato deveria
evitar.

— Larga! — falei.

— Vamos, Goiaba! Até a
Baronesa tem mais coragem do que você.

Eu quis retrucar ante a menção da
única menina do grupo. Fátima era o seu
nome, mas fora apelidada de Baronesa
devido a sua postura um tanto esnobe.
Porém, não era de todo má: sagaz,
inteligente e tão moleca quanto qualquer
um de nós. Não retruquei e fui aos
poucos sendo levado. Ah, francamente
— cá entre nós —, a Baronesa era sim
mais corajosa do que eu...

A aurora da vida não era feita de
sensatez, mas de rompantes de
impulsividade. De saltos, gritos e euforia,
ao invés de um caminhar cauteloso,
comedido e relutante. Todavia, de vez
em quando, também poderia ser
composta por momentos de
sensibilidade, preocupação, solidariedade
e, até, sacrifício.

"A Casa do Mistério."

Era uma casa térrea bastante
judiada.

Parecia-me tão enorme quanto um
castelo mal-assombrado, mais rebuscada
e bem menos acolhedora do que o
castelo que eu pretendia fazer na areia.

Desde que eu me entendia por gente, ela
já estava lá numa mistura de abandono,
decrepitude, sujeira, escuridão e medo.
Hoje, com olhos de adulto, posso dizer
que ela não era tão grande assim,
contudo, a sensação de temor, essa não
diminuía ante a passagem dos anos e a
distância.

Eu e outros garotos chamávamos
a velha construção de "A Casa do
Mistério" e fora motivo de inúmeras
histórias contadas nos alpendres ao cair
da noite. Todavia, não posso assegurar
que fomos nós a batizá-la assim. Meus
pais já falavam sobre ela, referindo-se
desse modo e lembrando seus próprios
tempos de criança. Mencionavam, por
exemplo, pequeninas luzes percorrendo
os arredores, por entre a vegetação, sem
se referirem a pirilampos, fogo-fátuo ou
fogo de santelmo. Boatos sobre sons de
vozes e sombras dentro de sombras que
se moviam não eram incomuns.

Pela arquitetura da casa, dir-se-ia
ter quase um século. Aliás, conforme
faziam antigamente, o ano de sua
construção deveria encontrar-se
entalhado logo na entrada, acima do
nicho reservado a estatueta de um santo
ou santa. Digo "entalhado" porque o
termo correto me foge. Mas o tempo ou
alguém cuidara de apagar, assim como
fizera desaparecer a figura religiosa, fosse
de quem fosse. Nos seus tempos áureos,
deveria ter sido uma construção
imponente, de um orgulho contido e
austero diante do oceano, inspirando
respeito e aconchego, agora, entretanto,
tudo o que conseguia provocar era
repulsa, tristeza, solidão e um frio na
barriga.

— Ir lá pra quê? — insisti,
fincando os pés de chinelo na areia. —
Tá doido?

— Ah, mariquinha... Mariquinha! Eu vi o Lombriga entrar lá de manhã e até agora não saiu.

Lombriga era um cão vira-lata magrelo, pêlos de um amarelo-arrepiado que, às vezes, vinha atrás da gente brincar, pois costumávamos dar-lhe algum petisco de vez em quando. Não tinha dono e era todo independente: aparecia e sumia quando lhe dava na veneta e nunca aceitara uma coleira.

— E daí? — insisti. — Quando ele quiser, sai de lá!

Quem sabe, não seria lá o seu abrigo?

— Vamos logo, Goiaba, senão eu conto pro Seu Galeno que você arrebitou a vidraça dele.

Fiquei indignado ante a menção do irascível aposentado, famoso por cortar as bolas que caíssem em seu quintal e, portanto, muito mal visto pela meninada.

— Ora, Zé Chulé, foi você quem quebrou ela com o estilingue. Eu vi!

Os olhos do mulato estreitaram-se. Aumentou a pressão de seus dedos em meu braço.

Esforcei-me por não gemer ou fazer careta.

— E daí, branquelo? Você tem coragem de ir lá e contar pra ele? Quer saber quanto sangue pode sair do seu nariz? — Fez o gesto de um punho fechado.

Diante de tal poder de persuasão, fiquei, por assim dizer, num mato sem cachorro. Então, apavorado, deixei-me levar.

O vulto sinistro da casa foi aumentando e aumentando diante de meus olhos.

Suas paredes deveriam ter sido brancas, com um barrado cinzento ao

redor, todavia, havia muito descascara-se e sujara-se em sua maior parte. O reboco caíra em alguns lugares, fazendo aparecer enormes tijolos de barro, do tipo que deixara de ser fabricado muito antes de eu nascer. As janelas de veneziana, também um dia pintadas de cinza, não se encontravam em melhor estado. Uma delas até desaparecera e a outra folha pendurava-se precariamente numa dobradiça enferrujada.

Situava-se em frente à praia, na avenida Dr. José Peixe Abade. Embora no mapa constasse como "avenida", aquele trecho ainda não havia sido calçado e era um "areião" irregular, margeado pelo matagal de um lado e por terrenos baldios do outro; mal passava de uma trilha a bem da verdade, onde automóvel algum atrever-se-ia a transitar seja pelo risco de ficar atolado, seja devido a estreiteza e irregularidade do terreno em um determinado ponto que não permitia a passagem de veículo algum, sequer uma bicicleta. Fosse conforme fosse, com ou sem pavimentação, um imóvel em frente ao mar constituía-se num bem valioso. Quem teria largado a casa daquele jeito? Boatos falavam de inventário e ausência de herdeiros, coisas absolutamente complicadas e sem sentido para crianças, exceto quanto a menção do falecimento de seus proprietários.

Falecimento era igual a morte.

Morte...

Era disso que se alimentava uma casa mal-assombrada, não era?

... morte.

Atravessamos um vão entre as pilastras corroídas e o arame farpado havia muito enferrujado.

Um majestoso chapéu-de-sol destacava-se no quintal da frente,

fazendo sombra sobre a casa, tornando-a mais escura, fria, úmida e amedrontadora.

— Lombriga! — gritei impaciente, esperançoso de que o animal surgisse.

O único som que ouvimos foi o do vento na copa do chapéu-de-sol.

Falei:

— Deve ter ido embora.

— Vamos, branquelo — disse Zé Chulé, ignorando-me.

Passamos pela pequena varanda na entrada — seu piso estava coberto por uma fina camada de areia —, e ficamos sob a sombra da árvore.

A sensação de queda de temperatura foi imediata, de Verão para Outono, bem como o odor, um cheiro penetrante de madeira velha e embolorada. Eu sabia que os morcegos gostavam dos frutos do chapéu-de-sol e, de fato, havia dezenas destes, todos mordidos, caídos no chão. Inevitável pensar o quanto essas criaturinhas sinistras combinavam com o lugar.

Aproximamo-nos de uma janela lateral. Estava quebrada. Ficava meio no alto.

Meu amigo mulato entrelaçou os dedos, formando um degrau.

— Vem, sobe aqui e dá uma olhada lá dentro.

— Por que eu? — protestei.

— Por acaso, você me aguenta? Anda, medroso!

Relutante, apoiei-me na parede. A tinta descascada esfarelou-se em meus dedos. Tirei os chinelos, coloquei um pé descalço nas mãos dele e fiz força na perna para cima. Minhas mãos alcançaram o beiral de cerâmica vermelha da janela, depois meus cabelos, a testa, os olhos e a ponta arrebitada do nariz.

Temeroso, olhei para dentro. Estava muito escuro. E quieto, muito

quieto, um pesado silêncio de dar nos nervos. Senti um bafejar gelado atingir meu rosto, mais frio do que estava sob a sombra do chapéu-de-sol.

Engoli em seco.

— Chama ele — mandou Zé Chulé.

Soltei um pigarro e assim o fiz.

— Lombrigaaa!

Minha voz de criança esparramou-se por dentro daquela casa e percorreu seus cômodos. Ela reverberou em suas paredes carcomidas e meandros ocultos. E retornou aos meus ouvidos num eco distante, como se uma outra pessoa houvesse respondido:

"Lombrigaaa... Lombriga... Lombri... Lom..."

Ou um fantasma.

A seguir, ruídos estranhos fizeram-se ouvir, alguma coisa correndo, rastejando, esvoaçando, fugindo dali... ou avançando para a janela.

Arrepiei-me todo e, de joelhos trêmulos, quase caí. Tornei a calçar os chinelos. Falei:

— Nã-não tem nada. Vamos embora!

— Vamos achar o Lombriga.

— Ele não está aí.

— Eu o vi entrar!

— Como?

— Pelos fundos da casa.

Um calafrio tomou conta do meu corpo do dedão do pé até o último fio de cabelo.

Que eu soubesse, nunca ninguém avançara além da entrada. Mais adiante, o mato alto tomara conta e só alguém muito corajoso ou burro ultrapassaria o limite invisível do bom senso riscado no chão arenoso.

— Eu não vou até lá — falei.

— Vai sim, Goiaba.

— Não vou não — insisti, fazendo pé firme.

— Olha o soco no nariz.

— Eu não vou! — gritei, já sem conseguir conter o tremor na minha voz. — Pode me machucar, mentir para o Seu Galeno ou me debochar pra turma toda sobre como sou covarde, mas eu não vou.

Meu medo era mais forte do que a sua força de persuasão.

Às vezes, discutíamos e brigávamos, mas Zé Chulé sempre fora o meu melhor amigo. Nunca me batera de verdade. Outros moleques comparavam a gente àqueles retratos estampados nas caixinhas de cigarros de chocolate. Não nos importávamos, pelo contrário, ríamos a beça disso. Eu fazia muitas coisas por ele, e ele por mim, porém, naquele caso, eu não pretendia arredar o pé. Conforme ele gostava de falar às vezes, eu estava "cagado de medo". E era verdade.

Senti uma raiva irracional do viralata amarelo. Lombriga não tinha culpa e nem merecia a minha ira. Sempre fora um cãozinho camarada, gostava de deitar a cabeça em meu colo. Mas, naquela ora, não pude evitar.

Fechei os olhos e fiquei esperando o soco... mas ele não veio.

Vagarosamente, ergui as pálpebras e fitei o rosto de Zé Chulé sob a copa da árvore. Vi algo que nunca imaginara: um misto de pavor e preocupação. Pavor... Ele? O avoadado do Zé, preocupado? Fui obrigado a reconhecer: meu amigo realmente importava-se com o Lombriga. Por trás de sua fachada de valentia e arrogância, Zé Chulé, órfão desde muito novo, era um garoto solitário. E o viralata era a única criatura nesse mundo que, realmente, importava-se com ele. E vice-

versa. Uma dedicação sincera que tudo dava sem nada pedir em retribuição. Essa compreensão, naturalmente, veio-me somente vários anos depois.

— Por favor, ajude-me — pediu baixinho. — Dou a minha coleção de figurinhas pra você. Juro que vi o Lombriga entrar nessa casa e não mais sair.

Eu nunca imaginara Zé Chulé pedindo "por favor" e, muito menos, oferecer a sua preciosa coleção de figurinhas "*A Holanda*"⁴. Ele não tinha o álbum, contudo, juntara um montão de figurinhas avulsas que ganhara no bafo e sempre trocava as repetidas comigo. Graças a ele eu conseguira a do Ted Boy Marino e completara a página.

— Por favor — repetiu. — Ele pode estar machucado.

Percebi, então, que o seu desafio em ir até "A Casa do Mistério" era mais por necessitar de companhia em relação ao seu próprio medo do que por querer avaliar a minha falta de coragem.

Não sei onde eu estava com o juízo, mas, por fim, concordei. — E não foi pelas figurinhas! — Acenei isso com minha cabeça, não confiando na própria voz.

Zé Chulé suspirou de alívio...

... e deu-me um soco no nariz.

Caí de traseiro no chão.

— Por que fez isso?! — gritei.

Não fora um soco de verdade, ainda assim, doera. Receei que fosse sangrar — para "ajudar", eu tinha o nariz de vidro —, mas, felizmente, isso não aconteceu.

— É por ter feito eu te dar minhas figurinhas — justificou, recuperando a fanfarronice. — Vamos logo!

⁴ Editora & Com. Saravan Ltda.

Avançamos na direção do mato. Nossos pés, silenciosos a princípio devido a areia, agora faziam as folhas e galhos secos estalarem.

Juntos, reunimos coragem e atravessamos o mato alto.

Havia muito tempo, a porta dos fundos caíra. Na soleira de mármore, sobre outra camada fina de areia vimos as pegadas.

— Eu não falei? — murmurou o menino mulato, apontando. — Lombriga entrou aí.

Funguei em resposta, tocando o nariz com a ponta dos dedos só para me certificar que continuava no lugar.

Olhamos um para o outro. Vacilamos bastante antes de seguir o rastro.

Zé Chulé deu o primeiro passo. Segui-o em seguida.

Era a cozinha. Estava tudo sujo, quebrado, largado. Nos cantos, avistei restos de teias de aranha empoeiradas, já sem finalidade. Nada havia ali para as aranhas caçarem ou saciarem à fome. Ainda se viam alguns pratos sobre a mesa e restos do que, um dia, deveria ter sido um pedaço de pão. Por que alguém largaria a comida daquele jeito?

Sentimos de imediato o peso daquele breu e do silêncio.

Era um outro mundo, outra época, outros sentimentos, tão diferente da praia, do céu azul, do Sol e da brisa do mar que ficara para trás, tão longínquo quanto se fosse um outro planeta visto através de um telescópio.

— Chama ele — sussurrei no ouvido de Zé Chulé.

De um modo esquisito, não parecia certo falar em voz alta no interior daquela casa. Mas isso foi prontamente

quebrado por Zé Chulé, assim como eu já o fizera do outro lado da velha janela:

— LOMBRIGAAA! — berrou a plenos pulmões.

Novamente, vieram os ecos, desta vez mais altos e nítidos.

"LOMBRIGAAA..

LOMBRIGA.. LOMBRI.. LOM..."

E, mais uma vez, aqueles ruídos misteriosos.

Tremi de medo e quase fiz menção de fugir.

— São só ratos — assegurou-me Zé Chulé. — Talvez baratas.

— E morcegos — falei sem pensar. Desde quando essas criaturas asquerosas não metiam medo, ainda mais movendo-se furtivamente no escuro? — Cadê o Lombriga que não responde?

Era muito esquisito.

Não tinha como o cachorro não ter escutado. Até um morto ouviria aquele berro! E não foi nada inteligente de minha parte ter pensado nisso, naquela hora, naquele lugar. Talvez Lombriga tivesse ido embora havia tempos, por algum outro caminho que passara despercebido a Zé Chulé. Provavelmente, a essa altura, estaria correndo pelas ruas, brincando com a molecada.

Pelo menos, eu queria desesperadamente acreditar nisso.

Foi quando, malgrado a minha vontade de sumir dali, ouvimos um ganido.

Fiquei gelado.

— Lombriga? — falou Zé Chulé.

O ganido tornou-se mais alto e repetitivo. Choramingava. Vinha do outro lado, na sala.

Estava muito escuro lá dentro, sombras dentro de sombras, e o que percebíamos vinha dos feixes de

claridade que atravessavam as frestas nas paredes. Feixes que, por sinal, não eram lá muito claros devido ao chapéu-de-sol e a tarde que findava.

A tarde...

Deus nos livrasse de ficarmos ali depois do Sol desaparecer por trás do morro!

Sentimos a urgência do momento. Olhamos um nos olhos do outro e atravessamos a casa.

O assoalho rangeu às nossas passadas.

Barulhos estranhos tornaram-se mais frequentes.

Zé Chulé correu na frente, ansioso por resgatar seu companheirinho.

— Lombriga! — chamou.

Chegou até o outro lado. Segui logo atrás.

Estava gelado ali.

De Verão para Outono.

De Outono para Inverno.

Algum dia, aquilo fora uma sala confortável onde a família reunida punha-se a ler ou contar as novidades do dia sob a luz de candeeiros e ao som das ondas do mar.

Alguns antigos retratos ainda encontravam-se pendurados às paredes. Olhares mofados fixaram-se em nós. Alguém já se perguntara por que as pessoas dos tempos de outrora não sorriam nas fotos? Por que aqueles semblantes severos? Por que eram tão magros?

E por que cargas d'água estava tão frio ali?

O ganido havia parado.

Zé Chulé, quase no meio da sala, repetiu:

— Lombriga! Vem cá, menino...

De repente, voltamos a ouvir o vira-lata.

E o sangue gelou-nos nas veias tanto quanto aquela atmosfera arrepiara-nos à pele. Ficamos boquiabertos.

Inacreditavelmente, os latidos originavam-se debaixo de nossos pés, sob o assoalho!

— Como ele...

— Quietos, branquelo!

Embora "A Casa do Mistério" estivesse caindo aos pedaços, o piso de tábuas daquela sala não mostrava qualquer buraco ou passagem que pudesse levar a um porão ou coisa do tipo.

Zé Chulé coçou a testa franzida e deu um passo à frente.

— Por onde é que...

Foi, então, que a tragédia abateu-se.

O assoalho rachou imediatamente abaixo dele e, antes que pudesse emitir som algum, foi tragado pelas entranhas da casa.

— ZÉÉÉ! — gritei desesperado.
— ZÉÉÉÉÉ!

E vieram os ecos medonhos que eu ignorei.

Aí, escutei sua voz amedrontada, cada vez mais longínqua, desaparecendo no interior daquela garganta escura e sem fim:

— *Goiabaaaaa!*

Depois, o silêncio.

Um silêncio denso, gélido e úmido tornou a cair.

Senti toda a casa pousar sobre meus ombros estreitos.

— Zé... — gemi incrédulo para aquela bocarra de trevas.

Permaneci petrificado por não sei quanto tempo quando percebi no fundo do cérebro aquele som.

Não eram os ruídos de ratos, baratas ou morcegos.

Era o som de... passos.

Fiquei desvairado. Pus-me de pé e, mais tropeçando do que correndo, busquei pela abertura onde, em tempos idos, ficara a porta da cozinha. Os chinelos ficaram pelo caminho, tiras arreventadas. Eu precisava sair dali, fugir daquele lugar assombrado de Inverno perpétuo. Os arbustos e o mato alto arranharam-me, porém, em meu desespero, mal senti os cortes que me faziam.

Subitamente, vi-me diante daquele vulto alto e ameaçador, cuja cabeça parecia fundir-se às sombras da parte debaixo da copa do chapéu-de-sol.

Tropecei e caí.

Fui erguido e os passos tornaram a soar.

Outono... Verão.

Foi somente quando me encontrava livre da sombra fria daquela árvore e fora do quintal da casa que tornei a abrir os olhos.

Era o Seu Galeno quem me carregava.

Antes que eu pudesse balbuciar qualquer coisa, o velho ranzinza explicou:

— Escutei o grito de seu amiguinho, aquele que acertou uma pedrada na minha janela... Vim tentar pegá-lo e passar-lhe um sabão. Porém, ouvi o som de tábuas quebrando e você a berrar. Pensei comigo: que artes os moleques não estarão aprontando ou em que encrença não se meteram? E entrei.

Só tive disposição para gemer:

— Fantasma...

Uma sombra caiu sobre a fisionomia do velho.

— Inúmeras histórias pairam sobre esse lugar, menino. Acredita-se que, nesse terreno, os bandeirantes

prendiam os índios guaranis que capturavam para vender como escravos. Muitos morreram ali. Seus espíritos não têm paz. Pelo menos, é o que contavam os meus avós.

Depois do que eu havia passado, o Seu Galeno não me parecia tão assustador assim. Ainda no colo dele, murmurei:

— Escutamos os latidos do Lombriga debaixo do chão. Um buraco se abriu. O Zé caiu dentro dele!

— Cuidaremos disso.

Ele levou-me até meus pais.

Uma longa e tenebrosa noite se seguiu.

Apanhei um bocado de minha mãe pela travessura.

O Corpo de Bombeiro fora informado e buscas foram realizadas.

Surgiu uma tia de Zé Chulé, tão emocionada quanto alguém que livrara-se de sua verruga. Aquilo foi tão ou mais chocante quanto o próprio desaparecimento do menino.

Salame, Chalinho, Japinha, Baronesa e Farofa vieram até minha casa e contei minha história. Saíram impressionados e pesarosos. Até a Baronesa lamentou:

— Ele era um chato, mas eu gostava dele.

Quanto "A Casa do Mistério", de fato, o assoalho desabara, revelando o que seria um poço ou uma fissura natural. Através de cordas, os bombeiros tentaram chegar até o fundo, todavia, além das paredes de arenito não transmitirem segurança alguma, chegaram a um ponto em que tudo estava tomado pela água.

Água negra.

Água salgada.

Água do mar.

Nada mais podia ser feito.

Taparam o buraco como puderam.

Nenhum corpo veio dar à praia nos dias que se seguiram.

Muitos pediram para que a casa fosse demolida, porém, a prefeitura permaneceu inerte. No máximo, cercaram-na de tapumes e colaram inúmeros cartazes de perigo. Antes de terminarem, alguns funcionários disseram ter ouvido latidos de um cachorro e uma voz de criança. Vinha de toda parte e de parte alguma. Saíram dali apressados para não mais retornar. Relatos semelhantes surgiram nas semanas, meses e anos seguintes de diferentes pessoas. Eu ouvi dizer no boca-a-boca, todavia, nunca mais passei em frente daquele lugar. Eu é que não queria escutar...

Ninguém veio reclamar o imóvel e, tampouco, apossar-se dele por usucapião, afinal, era "A Casa do Mistério". Alguma surpresa?

Durante um ano inteiro, eu tive pesadelos. Frequentemente, via-me diante daquele túnel, poço ou caverna, até ser devorado por ele. Nas suas profundidades, era cercado por visões medonhas, chamas, garras e gritos desesperados. Figuras negras e sem forma aproximavam-se cada vez mais, misturadas ao restante da escuridão; delas, destacavam-se somente seus olhos vermelhos, centenas deles, uma constelação maldita saída do inferno a cintilar num céu sem horizontes.

Mudei-me algum tempo depois para a capital. Para estudar, trabalhar e, muito mais tarde, casar e constituir família.

Longe da vastidão do oceano.

Longe das recordações de infância.

Longe de ganidos e chamados de socorro.

Sim, foi uma época de efervescência para a criança que eu fui. Embora não tanta quanto aquela que, para além de meu próprio pequeno mundo, agitava o enorme mundo de então.

Homenzinhos verdes manifestaram-se na forma de estrelas de neutrons.

Antes dos "steves" Jobs e Wozniak, os Beatles criaram sua *Apple*.

De um lado, a ONU condenou o *apartheid* na África do Sul.

Onde o Dr. Barnard⁵ primeiro transplantou um coração.

Do outro lado, Martin Luther King⁶ foi assassinado.

E todos nós perdemos o pioneiro Iuri Gagarin⁷.

Só agora, decorrido cerca de cinquenta anos, precisei retornar para tratar de detalhes referentes a minha antiga residência face a morte de minha mãe.

A velha estradinha de areia, toda torta, estreita e cercada de mato foi modernizada. Fizeram uma calçada, guia e valeta. Aquele trecho da avenida Dr. José Peixe Abade foi pavimentado com tijolos vermelhos. Até iluminação decorativa e bancos de praça o lugar ganhou.

Hesitante, sentindo a criança que eu fui agitar-se dentro de mim, e ante a insistência de minha família, manobro o automóvel e volto para a avenida. Deixo a pressa para trás e, a

⁵ Christiaan Neethling Barnard (08/11/1922 - 02/09/2001) realizou o primeiro transplante de coração em 03/12/1967.

⁶ Martin Luther King Jr. (15/01/1929 - 04/04/1968), pastor protestante e ativista dos direitos civis dos negros.

⁷ Iuri Alekseevitch Gagarin (09/03/1934 - 27/03/1968), primeiro homem a voar no espaço, morto devido a queda do MIG-15 que pilotava.

contragosto, relembro a desventura por que passei.

Apesar da beleza do mar a minha esquerda, é a direita que prende a minha atenção.

Refliço sobre Zé Chulé, o garoto mulato na aurora da vida, tornado para sempre um menino, e seu afeto pelo vira-lata de pelagem amarelada chamado Lombriga.

Zé Chulé, meu melhor amiguinho. Nunca cheguei a dizer-lhe adeus.

Sua sensibilidade.

Sua preocupação.

Sua solidariedade.

Seu sacrifício.

Sim, "A Casa do Mistério" continua lá. Posso ver sua silhueta crescer e crescer a medida em que nos aproximamos. Por fim, consigo distinguir seus detalhes: janelas quebradas, a varanda, o barrado, a cerâmica vermelha. Está praticamente do jeito que eu me lembrava, assim como o imenso chapéu-de-sol. Mais carcomida pelas chuvas, cupins e maresia, a construção resiste a passagem dos anos, a desafiar as gerações, a luz e a memória. O que realmente aconteceu entre aquelas paredes permanece um mistério para mim.

— É aquela ca-casa? — pergunta meu filho.

— É sim — respondo, esforçando-me por não gaguejar..

— Que horrorosa — fala Grazi, nossa filha.

— É sim — repito. — Muito.

— É de meter medo, pai — diz Denis, sem desprender os olhos dela, nariz espremido na janela do veículo. — Vamos embora!

— Mariquinha! — grita a caçula, feito um eco antigo. — Mariquinha!

"Sou sim, e daí?", retruca o pequeno Goiaba dentro de mim.

— É apenas uma casa abandonada — arremata minha esposa, desapontada. — Só isso.

Então, já nos afastando daquele lugar, subitamente ouvimos, tão nítido como se estivesse dentro do carro: o latido de um cão e um riso de criança.

Além de nós, não há viva alma nos arredores nesse momento... Viva não.

Fitamo-nos mutuamente, engolindo em seco.

— Vamos embora — diz ela, já não tão decepcionada. — Vamos!

Grazi tampouco se sente mais tão segura de si.

Denis? Bem, Denis está tão "cagado de medo" quanto eu.

Acelero bruscamente. O vento agita o grisalho de meus cabelos.

"Adeus, Zé!", penso com meus botões no menino mulato, perdido no passado. "Adeus, amigo."

Eu gostaria de acreditar que Zé Chulé e o vira-lata amarelo, Lombriga, estão alegres e juntos em algum lugar, porém, claro, isso é apenas para o meu próprio consolo.

E rezo intimamente — Ah, como eu rezo! — para que, o que quer que seja aquilo que escutamos, não nos acompanhe logo mais tarde no longo caminho de volta para a capital.

Eu nunca acreditei que a voz ou os latidos que as pessoas ouviram há meio século fossem da alma de Zé Chulé ou do espírito de Lombriga.





Roberto Schima

Sou neto de japoneses. Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que hoje me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Fui o vencedor do "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), com a história "Como a Neve de Maio", publicada em seu nº 12. Escrevi a história "Abismo do Tempo", uma das contempladas do concurso "Os Viajantes do Tempo", promovido pela revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, e publicada em sua edição nº 37, de Julho de 2018. Desde então, tornei-me um colaborador regular da revista. Escrevi os livros "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta), "Sob as Folhas do Ocaso" (contos) etc.

Obs: Mais informações: *Google, Yahoo* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss_2

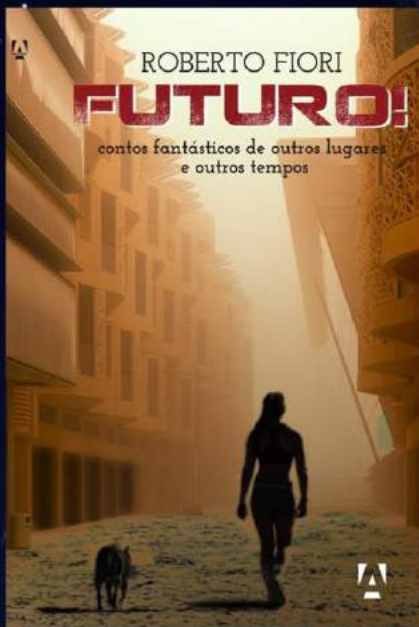
<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com.br/search/label/Roberto%20Schima#.Wey1sltSzIV>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

Contato: rschima@bol.com.br ou rschima@ig.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

LAL

Criada em 2015, tornou-se
uma das principais revistas
literárias do país

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com